

MEMÓRIA E CULTURA

Um lugar de encontro para as artes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura,
orientada pelo professor doutor Hélder Casal Ribeiro,
apresentada por Diogo Miguel Almeida Amaro na
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
em Setembro de 2016.

Resumo/abstract 6-7

Introdução 9-12

I

Notas sobre a construção do tempo I.I 21-29

Um lance de dados I.II 31-51

Sempre uma coisa a seguir à outra I.III 52-67

II

Lugar e memória II.I 73-96

Atmosfera e percepção do espaço II.II 97-125

Articulação espacial e linguagem arquitectónica II.III 126-150

III

Um lugar de encontro para as artes 153-161

Referências Bibliográficas 163-166

Índice de imagens 167-170

Resumo Com a presente dissertação, propõe-se a elaboração de um projecto na cidade de Coimbra, que reflecte sobre a recente condição do seu legado cultural.

Um lugar de encontro para as artes, que assume a dupla condição de valorização da cultura e do património contemporâneo, numa simbiose entre o espaço arquitectónico e a criação artística, como catalisador do desenvolvimento do território e da sociedade que o habita.

Abstract With this work, it is developed a proposal for the city of Coimbra, that reflects on the recent condition of the city's cultural legacy.

A place for the artistic production, that aims to value and raise the awareness for both contemporary heritage and culture, through a simbyosis between space and artistic expressions, that intends to act as a catalyst for the development of the city and its society.

Introdução O presente trabalho propõe a elaboração de um projecto na cidade de Coimbra, que explora a relação entre o espaço arquitectónico e a criação artística contemporânea. Um lugar de encontro para as artes, que pretende reflectir sobre a dupla condição de valorização da cultura e do património contemporâneo.

Com a recente classificação da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia – enquanto Património Mundial da UNESCO surge uma natural necessidade de consciencializar e repensar o estado do património, material e imaterial, numa cidade onde a herança cultural em prol da difusão do saber, é tão significativa.

Tirando partido deste momento, encarando-o como um bom pretexto para reflectir sobre as práticas artísticas contemporâneas, surge o Anozero – primeira bienal de arte contemporânea de Coimbra. Assume-se como uma resposta da arte contemporânea às circunstâncias actuais da cidade, questionando-a, na sua condição de património cultural. Afirmando o legado que acaba de ser reconhecido, revela-se pertinente o momento e o contexto em que surge, assumindo-se como um agente actuante na cidade, que poderá servir de mote para uma época cultural emergente.

O projecto surge como resposta a este apelo à sensibilização e reflexão sobre o panorama cultural da cidade, dando seguimento às questões que surgiram do diálogo entre o património e a arte. É no carácter efémero deste confronto que parece oportuno desenvolver uma proposta que explora a relação entre o espaço arquitectónico e a criação artística contemporânea.

Pretende-se criar um lugar de encontro para as artes, que sirva de âncora entre a condição actual de transformação da cidade e a dinâmica cultural que se pretende alicerçar.

Propõe-se intervir numa área que se inscreve no paradoxo de se encontrar numa situação privilegiada na relação com o rio, e na proximidade ao centro histórico, constituindo paralelamente um entrave na relação da cidade com o seu locus de identidade. Situado entre duas importantes artérias – a margem do Mondego e a avenida Fernão de Magalhães – revela-se uma escolha que surge pelo potencial e necessidade de valorização deste lugar.

Apropriar, sem uma tentativa de normalização que o descaracterize, de perceber a informalidade destes espaços, e a adaptabilidade tendo em conta o seu uso. Reflecte-se acerca daquilo que devem promover na relação entre as pessoas e na abertura à sociedade, no cruzamento de ideias, na produção de cultura e conhecimento.

Sensível às questões levantadas pela bienal, revela-se uma natural dicotomia entre o construir/destruir, entre a possibilidade/impossibilidade, entre o criar/interpretar, que acompanha o processo de desenvolvimento do projecto, e que está inerente à sua génese.

O desenvolvimento da proposta foi precedido de um rigoroso processo de recolha e análise de informação que possibilitou uma necessária base sustentável.

Numa fase inicial, efectuou-se um levantamento que informa sobre as condicionantes do lugar, a partir da elaboração de um registo fotográfico, necessário para o entendimento geral das suas características, dos ambientes, da articulação volumétrica e da relação com a envolvente próxima, da aproximação a partir do rio e do centro histórico, da sua acessibilidade, e das características morfo-tipológicas da área envolvente.

Paralelamente revelou-se necessário o contacto com as entidades responsáveis pelo arquivo e pelos planos de reabilitação urbana previstos para Coimbra em 2012, para uma recolha de todo o material gráfico e escrito que informem a condição actual do lugar e respectiva edificação, e das alterações urbanísticas previstas que abranjem a área de intervenção. Posteriormente foi feita uma análise e interpretação de todo este material para uma melhor compreensão dos dados do terreno.

Estando este projecto em linha com a bienal Anozero, interessa também reunir com os seus responsáveis. Entrar em contacto com as pessoas que estão a trabalhar na regeneração cultural da cidade, perceber o estado actual da arte, as condições que possibilitam a sua divulgação e produção, e de que maneira o projecto será uma mais valia como resposta a estas questões.

Neste sentido, o trabalho estrutura-se num primeiro momento, num enquadramento da condição do lugar e da cidade, na análise e compreensão do objecto de estudo e do seu contexto.

Da recente classificação da Universidade enquanto Património Mundial da UNESCO e a responsabilidade que isso transporta para a cidade, do impacto que a actuação do Anozero poderá ter para uma época cultural emergente, e dos planos de reabilitação urbana que procuram a reestruturação da relação da cidade com o rio.

No fundo introduzir as circunstâncias que servem de mote e de fio condutor ao desenvolvimento deste projecto.

Num segundo momento, apresenta-se a proposta e uma aproximação à narrativa inerente ao seu processo de desenvolvimento. Parte-se de um ponto de vista das sensações provocadas pela natureza do lugar, como ferramentas que permitem desenvolver temas de desenho que exploram situações espaciais em permanente sentido de harmonia.

Neste sentido, a (re)interpretação do contexto assume-se como premissa reguladora da narrativa, explorando uma permanente relação de tensão, onde o novo se dissolve no antigo, num processo de valorização mútua.

Em tom de conclusão, reflecte-se acerca das opções de projecto enquanto desígnio da articulação programática. A relação da cidade com a arte, e da arte com o lugar, numa simbiose entre o espaço arquitectónico e a criação artística como catalisador do desenvolvimento do território e da sociedade que o habita.



I.I

Notas sobre a construção do tempo

I.II

Um lance de dados

I.III

Sempre uma coisa a seguir à outra





Notas sobre a construção do tempo² A 23 de Junho de 2013, o Comité do Património Mundial, reunido no Camboja, aprova a candidatura “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” a património Mundial da UNESCO.

Torna-se um momento-chave, numa inevitável tomada de consciência para uma cidade, cujo património cultural, histórico e arquitectónico pertence agora à Humanidade.

É o reconhecimento de sete séculos de história de uma Instituição que desempenha um importante papel enquanto lugar de produção e transmissão do saber.

Inerente à sua génese e ao longo do tempo, a Universidade de Coimbra – Alta e Sofia – sempre se destacou como importante centro de conhecimento, difusor de ideias, de influências culturais e ideológicas, contagiando e deixando-se contagiar no campo das ciências ao direito, das artes à arquitectura e urbanismo.³

*“uma instituição que resiste tanto tempo só pode fazê-lo se mantiver permanentemente a capacidade para se reinventar.”*⁴

² *Notas sobre a construção do tempo*, nome da exposição colectiva de Dalila Gonçalves, Jorge Santos e Teresa Braula Reis, com curadoria de Luísa Santos, apresentada no âmbito do Anozero - bienal de arte contemporânea de Coimbra.

³ Informação relativa à candidatura a património da UNESCO disponível em <http://worldheritage.uc.pt/pt/>

⁴ Excerto do texto *A contemporaneidade das pedras velhas* de João Gabriel Silva in *anozero '15 - um lance de dados. bienal de arte contemporânea de Coimbra*, Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 43

I

Resultado de uma significativa génese cultural, e acompanhando os diversos períodos da história da arquitectura e da arte portuguesa, a Universidade soube manter-se permanentemente na vanguarda europeia através de reformas sucessivas, tanto a nível material como imaterial.

Da reforma Joanina à Pombalina, da reestruturação do Estado Novo à expansão para outros polos da cidade nos dias de hoje, sempre se soube reinventar, quer no domínio do conhecimento e do ensino, nos campos ideológico, pedagógico e cultural, quer através do seu património construído.⁵

Legado que agora pertence ao mundo.

⁵ Informação relativa à história da Universidade disponível em <http://worldheritage.uc.pt/pt/>



Fig. 02

Paço das Escolas, vista sobre
a torre da Universidade
Registo pessoal - Coimbra,
2016

Nos anos que antecederam a candidatura e consequente classificação, Coimbra era uma cidade, na sua generalidade, descomprometida com a sua herança cultural.

Carlos Antunes ⁶ refere-se à descrição com que se celebrou este momento como um reflexo dessa forma de estar, sem nunca se sentir um verdadeiro sentimento de pertença por parte dos seus cidadãos.⁷

Na tentativa de inverter esta tendência, o Circulo de Artes plásticas de Coimbra (CAPC) sempre teve um papel preponderante, assumindo-se como denominador comum das vanguardas artísticas nas décadas de 70, 80 e 90 na região centro. Surge em 1958 pela vontade de um grupo de estudantes de sensibilizar e suscitar o interesse pela criação artística, tornando-se na mais antiga instituição nacional dedicada à promoção da arte contemporânea.

Sempre foi o lugar onde a produção artística emergente teve a liberdade para se poder expressar, tendo em vista a difusão e promoção da cultura e da arte contemporânea, conferindo-lhe o rótulo de importante centro de arte independente.

A experiência adquirida permitiu ao CAPC legitimar a sua posição enquanto referência na produção e divulgação de novos contextos culturais e artísticos nos dias de hoje.⁸

6 Arquitecto Carlos Antunes, actual Director do CAPC, e Curador Geral do Anozero - primeira bienal de arte contemporânea de Coimbra.

7 . “Em Coimbra, para além de uma discreta celebração, não se sentiu que esta vitória pertencesse verdadeiramente à cidade e aos seus cidadãos” in anozero '15 - um lance de dados. bienal de arte contemporânea de Coimbra. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 23

8 Informação relativa à história do CAPC disponível em <http://capc.com.pt/site/index.php/pt/sobre-nos/>



Fig. 03

Vista sobre a rua da Sofia

Registo pessoal

Coimbra, 2016

I

O facto desta condição coexistir com uma atmosfera de vivência contemporânea criada e revitalizada permanentemente pela população universitária, permite a criação de um ambiente propício à produção artística e cultural, que se renova e reinventa.

Actualmente, a revitalização de espaços ligados ao património histórico em prol da cultura adquire um papel de destaque. É exemplo disso a renovação da Velha Torre de Anto que acolhe agora o Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra, a reabilitação das várias alas do antigo Colégio das Artes, ou o recente projecto de reabilitação do Convento de S. Francisco – novo centro de congressos e espaço cultural – que se assume como importante charneira na articulação do tecido cultural de Coimbra, através de um programa activo – concertos, teatros, conferências – tirando partido da posição em que se inscreve no território.

Esta candidatura tem sido catalisadora de sucessivas manifestações, seja a nível cultural e artístico, como arquitectónico e urbanístico. Surge uma natural necessidade de consciencializar e repensar o estado do património, material e imaterial, numa cidade onde a herança cultural em prol da difusão do saber, é tão significativa.







Fig. 05

Planta da cidade de Coimbra

● Edifícios classificados pela UNESCO

1.4000

Um lance de dados⁹ Tirando partido deste momento e assumindo-o como pretexto para reflectir sobre as práticas artísticas contemporâneas, surge o Anozero – primeira bienal de arte contemporânea de Coimbra.

Pretende como objectivo principal, promover uma série de reflexões críticas, numa tentativa de consciencializar para a recente circunstância do património cultural, procurando legitimá-la através de um questionamento sistemático.

Como tentativa de compreender o seu significado, e explorando as múltiplas possibilidades que estão associadas a esta recente circunstância, o Anozero explora o diálogo que resulta do confronto entre património e arte contemporânea, sem qualquer tipo de limitações.

É pertinente o momento e o contexto em que surge, numa tentativa de afirmação de uma cidade cujo legado acaba de ser reconhecido. E se hoje se poderá entender como uma perpetuação desse mesmo legado, encara-se com optimismo a actuação da bienal, transpondo a ideia de estagnação, pois se olharmos para o passado, Coimbra sempre se regeu pelo cunho da vanguarda, sabendo sempre, quando e como se reinventar.

Estamos perante a construção de uma época cultural emergente e transformadora na cidade, onde o Anozero lança o mote e se assume como agente actuante sobre o território em que se inscreve.

⁹ *Um lance de dados*,
tema da primeira edição
do Anozero - bienal de arte
contemporânea de Coimbra.

*Et in Arcadia Ego. A morte, o fim das coisas também define o melhor dos mundos como na pastoral de Nicholas Poussin. A contradição, o erro lacunar, a ruína insípida, o esplendor inacabado e o passado não histórico são infraestruturas que ocupam, definem e complexificam o espaço, o território onde nos movemos, onde se move a nossa imaginação – a idealização sucumbe para benefício do estereótipo (Adorno apud Irit Rogoff) mas cabe ao fazer artístico negar ao estereótipo a possibilidade de imergir no ideal”*¹⁰

10 Excerto retirado do texto *Hora incial, primeiro lance*, de Pedro Pousada in *anozero '15 - um lance de dados. Bienal de arte contemporânea de Coimbra*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 75



Fig. 06

Seleccção de exposições do
Anozero
Registo pessoal
Coimbra, 2015

Invocando Stéphane Mallarmé, a primeira edição da bienal Anozero faz suas as palavras do poeta simbolista, e serve-se do poema “Um lance de dados jamais abolirá o acaso” para lançar o tema catalisador – “Um lance de dados”, assenta na ideia da circunstância efémera do mundo e reflecte sobre a questão do transitivo, sobre a vida e morte, dicotomia inerente à condição humana.

*“un coup de dés jamais n’abolira le hasard”*¹¹

É precisamente neste jogo de binómios que reflecte a narrativa de *um lance de dados*: “construção e destruição; efémero e perene; criação e interpretação; possibilidade e impossibilidade; totalidade e fragmento”¹². Se por um lado o elemento catalisador são as memórias passadas, num lance de dados avança-se para o que está por vir.

O Anozero propõe-se a reflectir não só sobre o que reside no domínio do material, património físico, que testemunhamos e experienciamos presencialmente, mas também sobre aquilo que está sob o domínio do imaterial, aquilo que é invisível, remetendo para o papel da Universidade como difusora da cultura portuguesa.

Apropriando-se de um poema como mote, assume-se a natureza reactiva da palavra, que se recusa à estagnação de títulos, e rejeita qualquer tipo de catalogação.¹³

¹¹ Poema de 1897, do poeta francês Stéphane Mallarmé (1842 - 1898)

¹² *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 11

¹³ “(...) a palavra surge aqui como uma insígnia da incessante renovação, contrapondo-se pela sua natureza reactiva e pela sua condição mutante, à paralisia laudatória dos graus, dos títulos & pergaminhos.” in *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 13.



Fig. 07

Exposição "Família" de Rui
Chafes, Criptopórtico do
Museu Machado de Castro
Registo pessoal
Coimbra, 2015

I

Organizado pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), a primeira edição da Anozero: Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra decorreu ao longo de todo o mês de Novembro de 2015.

Desenrolou-se num total de trinta actividades que assentavam em iniciativas curatoriais que iam desde exposições de arte contemporânea, performances, a acções de sensibilização para a cultura através do serviço educativo, ou de promoção de outras disciplinas artísticas como a música ou o cinema.¹⁴

Estas intervenções serviram para reflectir sobre os temas que vão de encontro às premissas da bienal. Assumiu-se a arte contemporânea como pretexto para pensar o território, num acto contínuo de inquietação e questionamento. Optou-se por uma ocupação difusa, participando activamente na dinamização do território em que se inscreve.

Estratégia de actuação que se revelou pertinente tendo em conta as circunstâncias em que se encontra quer o estado do património histórico, quer a actual dinâmica da criação artística contemporânea em Coimbra. É uma consciencialização não só para o estado da cidade mas também para o estado da arte.

Destacam-se seis intervenções que se revelaram interessantes exemplos, não só pelo modo como reflectem os temas propostos pela bienal, mas também na forma como se organizam, ocupam e influenciam o espaço em que se inserem.

14 Informação relativa ao Anozero bienal de arte contemporânea de Coimbra disponível em <http://anozero-bienaldecoimbra.pt/editorial/>

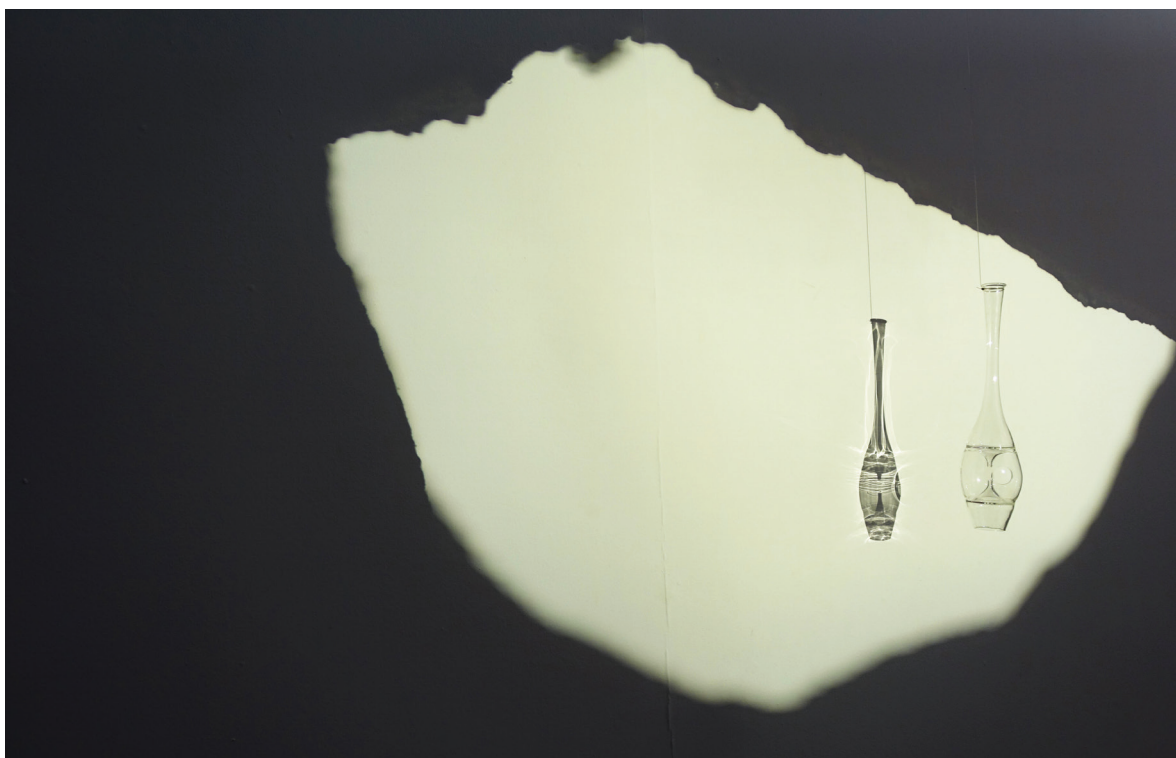


Fig. 08

"Alegoria do espaço" (2006),
de Francisco Tropa, inserida
na exposição "Encriptar,
revelar. Uma gruta e uma
clareira."
de Francisco Tropa e Alberto
Carneiro
Edifício Chiado
Registo pessoal
Coimbra, 2015

I

A obra de Mallarmé é explorada e apresentada nesta bienal através do trabalho de Marcel Broodthaers. É-nos apresentado através de uma projecção em filme *“La pluie (project pour un texte)”* (1969), onde Broodthaers aparece num jardim a rabiscar num pedaço de papel, enquanto a chuva que cai vai diluindo as suas palavras.

O artista parece entrar numa luta sem fim, onde a abstracção e efemeridade das suas palavras é acentuada pela chuva. Uma incessante luta entre o efémero e a eternidade. Entre o caos e a ordem. O finito e o infinito. Dicotomias acentuadas pela chuva que cai e dissolve/transfigura as palavras, e nos remete para outras palavras – as de Mallarmé, onde o acaso, acentua a condição efémera do mundo.

É também através do recurso à palavra que a exposição colectiva (Detanico Lain, Frances Stark, Luisa Cunha, Mónica Capucho) *“Anatomia da Palavra”*, presente na Casa da Escrita, explora a relação entre identidade e linguagem. Luísa Cunha reflecte na ideia de procura da identidade, num processo em que recorre à própria voz para dar corpo a esta performance.

Em *“Artista à procura de si mesma”* (2015), a mensagem e a forma como esta chega ao observador está intrinsecamente ligada à percepção que este tem do espaço. As colunas por onde sai o som foram estrategicamente escondidas a 1,70 m, acentuando a relação da voz com o observador.

*“A sua percepção do espaço é dinâmica porque se encontra ligada à acção – ao que pode ser realizado num dado espaço –, mais do que àquilo que pode ser visto por contemplação passiva.”*¹⁵



Fig. 09

Projectão do filme "La pluie
(*project pour un text*) (1969)"
, no âmbito da exposição
"Um lance de dados jamais
abolirá o acaso", de Marcel
Broodthaers
Biblioteca Joanina, Paço das
Escolas
Registo pessoal - Coimbra,
2015

O nome “Luísa” é repetido continuamente num processo quase exaustivo, acentuando a ansiedade presente na voz da artista. De forma quase inconsciente olhamos para todo o lado, à procura de Luísa, num processo que nos obriga a caminhar pela casa, a descobrir os espaços.

“Looking for randomness/Looking for precision; Looking for emptiness/ Looking for fullness; Looking for nothing/ Looking for everything”¹⁶. As dicotomias inerentes ao ser humano e à própria linguagem são aqui exploradas por Mónica Capucho em “Looking for something” (2015).

As mensagens confrontam o observador à procura de uma resposta imediata, apresentadas aos pares e inscritas em betão, numa incessante procura de algo que na dualidade das palavras se torna sempre indefinido. Luísa Santos - curadora da exposição - reflecte sobre o significado das palavras como fragmentos de indefinição numa tentativa de definição possível.¹⁷

É sobre o tempo, e as relações que lhe são intrínsecas que incide a exposição colectiva “Notas sobre a construção do tempo”, presente na sede do CAPC. Reflecte-se sobre o diálogo entre o passado e o futuro. Entre o efémero e o perene. Entre o tempo e o espaço. Através da sua instalação, Dalila Gonçalves recorre à memória para cristalizar e transformar aquilo que se considera efémero em eterno.

16 *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios.* Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 199

17 “Teremos sim fragmentos de verdades, fragmentos de uma busca incessante e contraditória de algo indefinido que desejamos na tentativa de uma definição possível da nossa identidade.” in *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios.* Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 201



Fig. 10
"Backgrounds" (2015) de
Dalila Gonçalves, inserida na
exposição colectiva "Notas
sobre a construção do tempo"
CAPC - Círculo Sede
Registo pessoal
Coimbra, 2015

I

Assume a efemeridade do material de construção, e o seu fim inevitável, servindo-se do fazer artístico como meio de (des)materialização para reflectir sobre o tempo como analogia às acções humanas. E apresenta-nos isso através de duas instalações.

Na primeira, “Backgrounds” (2015), são cravados num suporte de parede um conjunto de carimbos antigos, que há muito perderam a sua utilidade, mas que a artista procura cristalizar enquanto memória.

Memória essa também presente em “Rastos” (2015), onde nos deparamos com uma série de lixas brancas empilhadas em colunas circulares, num processo de (re)construção propositadamente artificial.

Também para Teresa Braula Reis o material ganha papel de relevo na instalação que aqui nos apresenta. Duas portas de betão elevam-se na vertical apenas seguras por uma frágil estrutura metálica. Assiste-se a um paradoxo no confronto entre os materiais e no desequilíbrio da sua densidade, provocando uma sensação de instabilidade e de tensão constante. “No Heroes Behind, Memorial to the Impossibility of Eternity” reflecte sobre a efemeridade do material, visível nestas duas peças, realçando a condição natural de qualquer matéria.

Ainda nesta exposição, Teresa Braula Reis, através de “Modern Artifacts of Remembrance” (2015) cristaliza em betão uma série de fragmentos do quotidiano que caíram em desuso, enfatizando a dualidade entre o moderno e o antigo, num processo de conservação da memória.

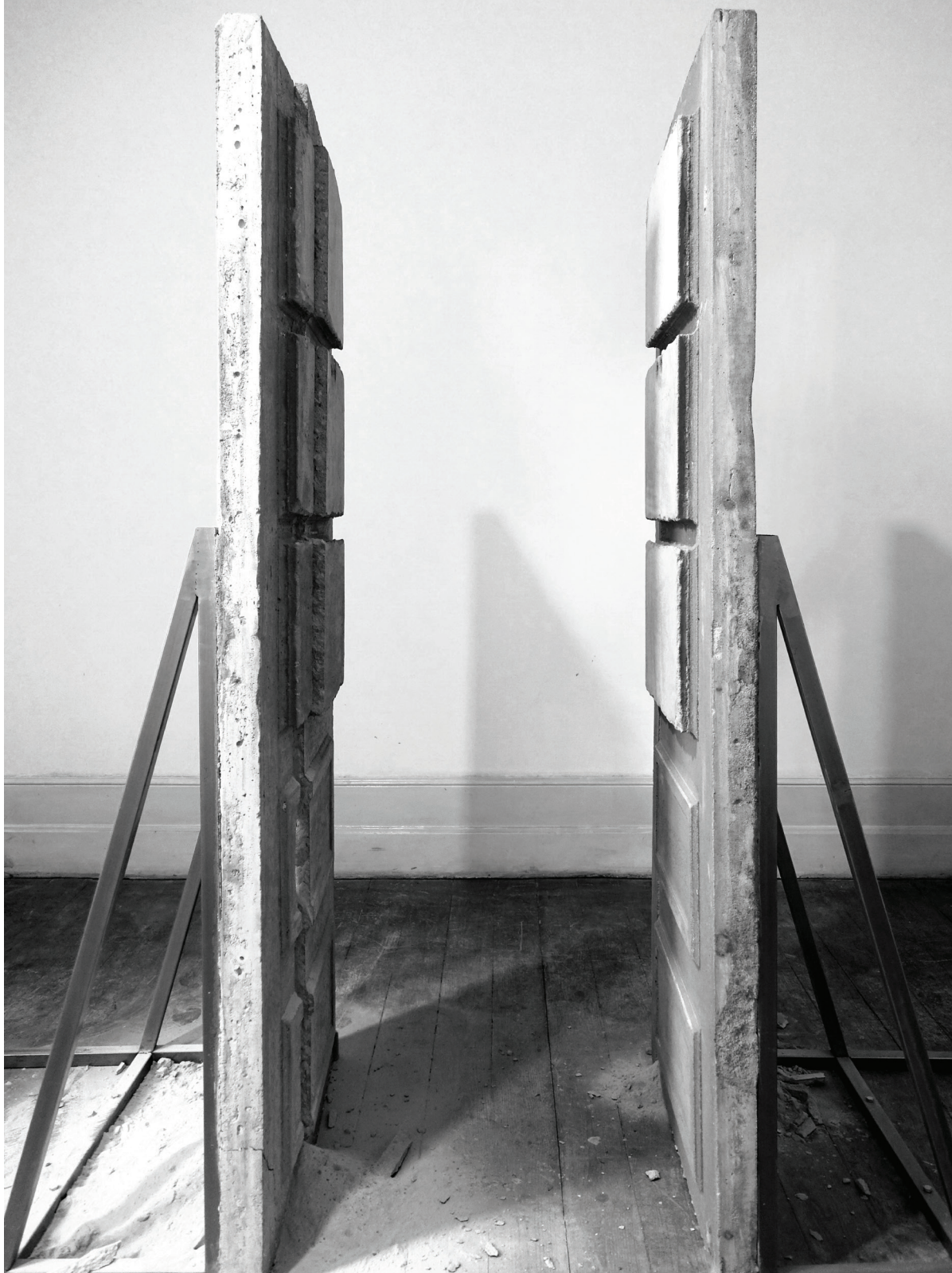


Fig. 11

"No heroes Behind. Memorial
to the Impossibility of
Eternity", (2015) de Teresa
Braulá Reis, inserida na
exposição colectiva "Notas
sobre a construção do tempo"
CAPC - Círculo Sede
Registo pessoal
Coimbra, 2015

I

Procurando uma reflexão contínua sobre a identidade do território, algumas intervenções foram especialmente pensadas para uma actuação directa em pontos estratégicos da cidade, deixando marcas perceptíveis que lançam os dados e servem de alicerces para o que virá a seguir.

É exemplo disso a exposição colectiva “Link”. Este é um projecto que recupera a ideia inicial de outro projecto – homónimo – que em 2004 procurou recriar e ligar uma área verde central em Coimbra.¹⁸

Mais do que uma reflexão passiva e documental, o Anozero procurou uma actuação que deixasse pistas para um legado cultural que transcenderia o seu próprio trabalho.

As intervenções artísticas que actuaram sobre os espaços deste projecto procuraram, antes de mais, salientar o potencial e a importância deste eixo para a cidade, sensibilizando para a possibilidade de o abrir e permitir a sua utilização.

Cada espaço foi entregue a um artista diferente, e dada a possibilidade de neles intervirem livremente, procurando sensibilizar para a relação entre a natureza e a sociedade que usufrui destes espaços.

Carlos Antunes refere-se à intenção da bienal de transcender uma actuação efémera como pretexto para recuperar o projecto “Link”, intervindo nos lugares com maior circulação demográfica.¹⁹

18 Pensado pela arquitecta paisagista Cristina Castel-Branco, o projecto “Link” procurou intervir no problema de ligação entre a parte alta e a parte baixa da cidade, num desejo de ligar os vários espaços verdes existentes (Jardim da Sereia, Jardim Botânico, Parque Verde do Mondego, Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, e Quinta das Lágrimas) num sistema contínuo em rede que abrange não só parte significativa da alta e baixa, como se estenderia pelas duas margens do Mondego.

Outra intervenção de actuação relevante na cidade teve lugar na Sala da Cidade, no coração da baixa de Coimbra. Pedro Cabrita Reis a partir da “destruição” deste Salão Nobre, devolve-lhe a dignidade há muito esquecida, assumindo um processo de reconstrução onde o confronto entre o passado e o presente remete para as dicotomias assumidas pelos propósitos da bienal.

*“...e o outro que abre uma coisa, e que deixa visível um corpo que, de uma forma violenta e possante, foi atacado e desmembrado, à semelhança do que acontece quando se cortam as árvores, para que de repente essas podas, esses cortes, que são sempre actos de violência, tragam consigo um renascimento.”*²⁰

Como tem vindo a ser recorrente no seu trabalho, Cabrita Reis serve-se da arte contemporânea como ferramenta de transformação, pela sua capacidade de permanente questionar.

É perceptível uma intenção muito clara de romper com os pré-conceitos do quotidiano de uma sociedade, que desde a sua génese sempre esteve aberta à mudança, à novidade e ao ousado. Demonstra nesta intervenção um grande sentido de comunidade, onde o fazer artístico adquire um papel de destaque.

19 “Nos nossos percursos pela cidade foi sempre claro que a ambição ao nível da reflexão não poderia acontecer apenas de um modo passivo, documental, mas de alguma forma que deixasse pistas de acção para um legado ao nível do património da cidade que perpassaria o tempo e o espaço das exposições e actividades do Anozero.” in *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 53

20 Excerto da entrevista entre Cabrita Reis e Carlos Antunes in *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015, p. 211

I

Propõe algo novo para este lugar, sempre numa acção que se equilibra perfeitamente entre o sensível e o disruptivo. Se num primeiro momento, num acto violentíssimo destrói o interior desta Sala, de seguida reconstrói minuciosamente a partir dos destroços, cada peça da sua escultura, reinventando o espaço.

Por último, é pertinente referir uma instalação que se assumiu como charneira na dinâmica cultural da cidade. “Museu” (2015) de Francisco Tropa era um projecto pensado pelo artista em 2001, mas só agora construído no âmbito do Anozero, e instalado na Praça Cortes, na margem do rio junto à ponte de Santa Clara.

Servindo de elemento articulador entre as duas margens, “Museu” adquire um papel permanentemente activo do espaço.

Assume-se como um elemento retórico do que entendemos de um espaço funcional museológico, reduzindo significativamente a sua escala a todos os níveis: espacial e funcional, estando dependente da participação do público – que assume aqui o papel de director, curador e conservador – para a criação e manutenção do programa expositivo.

É uma peça minimalista, retangular e rebocada a branco, com apenas duas entradas que a atravessam a meio, ligadas por um corredor em vidro que se vira para as duas salas, uma em cada ponta. É uma experiência que questiona e reflecte sobre os preconceitos adjacentes ao significado de museu.



Fig. 12
"A casa de Coimbra" (2015) de
Pedro Cabrita Reis,
Sala da cidade
Registo pessoal
Coimbra, 2015

Tanto a instalação de Pedro Cabrita Reis como a de Francisco Tropa apropriam-se não só de matéria, mas de conceitos que pertencem à arquitectura.

São obras de arte que partilham temas arquitectónicos, esbatendo os limites disciplinares entre instalação/escultura e objecto arquitectónico. Exploram as relações de interior/exterior, a ideia de percurso, atravessamento e experiência sensorial do espaço, como acção que transporta para noções inerentes ao habitar.

A primeira edição do Anozero pretendia gerar a discussão e a reflexão crítica na sociedade em que se inscreve, através do questionamento do território.

Estas acções permitiram perceber a forma como a arte contemporânea enriquece quando associada a espaços de natureza tão distinta. O carácter do espaço é determinante na leitura da obra de arte, tanto quanto a intervenção artística valoriza o lugar onde se insere. Acções que, se aproveitadas de maneira correcta, poderão servir de alicerces para uma época cultural intensa e actuante.

Fig. 13
"Museu" (2015), de Francisco
Tropa
Praça Cortes
Registo pessoal
Coimbra, 2015







Fig. 13

Fig. 14
Planta da cidade de Coimbra
● Localização das intervenções do Anozero
1.4000

Sempre uma coisa a seguir à outra²¹ Coimbra assumiu o compromisso de reformular e repensar as circunstâncias actuais em que se encontra a cidade. Esta ideia vem sendo fomentada há já algum tempo e está directamente ligada à reestruturação e reabilitação do centro histórico da cidade, questão-chave da candidatura a património da Humanidade.

Tem havido nos últimos anos vários esforços no sentido de potenciar a revitalização e valorização do centro histórico. Reunidas todas as condições, e após um longo processo burocrático, em Abril de 2013 são aprovados pela Câmara Municipal de Coimbra (C.M.C) os projectos de delimitação das Áreas de Reabilitação Urbana (ARU) – Coimbra Baixa e Coimbra Rio – e os respectivos projectos de operações de reabilitação urbana. Os Programas Estratégicos de Reabilitação Urbana (PERU) que actuam nestas áreas foram realizados pela Sociedade de Reabilitação Urbana – Coimbra Viva em colaboração com a Parque EXPO.²²

A estratégia de intervenção procura actuar sob o desígnio de salvaguarda e preservação do património cultural da cidade como sustento da sua valorização. O sucesso dessa ideologia passa necessariamente pela reestruturação da rede de mobilidade, reforçando as conexões, bem como valorizar as funções existentes no Centro Histórico, assegurando uma maior oferta introduzindo novas funções, contribuindo para a consolidação de uma multifuncionalidade capaz de potenciar um aumento da capacidade para atrair novos investimentos e pessoas.

“A reconstrução das nossas cidades deverá assentar na inteligência das necessidades reais do homem e no conhecimento dos numerosos mundos sensoriais”²³

²¹ *Sempre uma coisa a seguir à outra*, nome da exposição colectiva de André Cepeda, João Nora, José Maças de Carvalho, Matt Mullican e Miguel Palma, com curadoria de Manuel Portela, Ana Pires Quintais e Luísa Santos, apresentada no âmbito do Anozero - bienal de arte contemporânea de Coimbra.

Definiram-se assim duas Áreas de Reabilitação Urbana: Coimbra Baixa – que abrange essencialmente a malha urbana medieval da Baixa, estendendo-se até à rua da Sofia a norte, e Coimbra Rio – que se estende pela frente ribeirinha desde a rua do Arnado até ao Parque Verde, limitada pela Avenida Fernão Magalhães a nascente e a poente pelo Mondego.

Estes limites foram delineados em função das necessidades de requalificação da malha urbana e da articulação coerente entre as duas áreas e a ARU – Coimbra Alta, aprovada anteriormente. Os programas estratégicos devem ser pensados de um ponto de vista global, unificador do Centro Histórico, evitando soluções díspares e descontextualizadas.

Integrado nos Programas Estratégicos de Reabilitação Urbana encontram-se 30 projectos estruturantes, propostos estrategicamente com o intuito de servirem como catalisadores de novas dinâmicas transformadoras, e que permitirão ao Centro Histórico recentrar-se no contexto da cidade tornando-se mais qualificado e competitivo.

Estes projectos estruturantes – alguns já em fase de implementação – adquirem um papel relevante na concretização dos objectivos dos Planos de Reabilitação Urbana, pela capacidade de impulsionar um processo de revitalização do tecido urbano, económico e social na área em que se inscrevem. Assumem-se como mote para o desenvolvimento deste território bem como para outros projectos que surjam dentro da mesma linha de pensamento.

22 Informação relativa aos programas estratégicos de reabilitação urbana (PERU) disponível em <http://www.coimbravivasru.pt/arus.php>

23 HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 17





Fig. 15

Planta da cidade de Coimbra

● ARU - Coimbra Alta

● ARU - Coimbra Baixa

● ARU - Coimbra Rio

1.4000

I

A génese de ocupação do território engloba de forma indissociável o Mondego e as suas margens. As crónicas inundações sempre constituíram entraves à expansão da cidade²⁴, condição da qual resulta um sintomático défice de planeamento integrado, de estratégia que resolva os problemas que lhe são inerentes.

Pretende-se reafirmar a centralidade regional de Coimbra através de um Centro Histórico valorizado, que se assume como elemento articulador das duas margens reformulando a relação com o rio.

Neste sentido, as estratégias de intervenção delineadas para a Área de reabilitação Urbana – Coimbra Baixa, procuram conciliar os projectos de requalificação que se tem vindo a desenvolver nos últimos anos com uma visão global, coerente com o processo de reabilitação urbana necessário para a transformação e desenvolvimento urbano da cidade.

A baixa de Coimbra assume-se naturalmente como charneira entre a Alta da cidade e o Mondego, lugar que adquiriu um importante carácter de vivência urbana, de concentração de pessoas, bens e serviços. No entanto, debate-se actualmente com os problemas da degradação e desqualificação, à semelhança da maioria dos centros históricos portugueses.

Propõe-se manter e valorizar o património arquitectónico, tanto quanto se deve reformular o plano urbanístico, directamente ligado à questão da rede de mobilidade.

24 Realizaram-se sucessivas operações de resolução deste problema, recorrendo-se à construção de aterros nas margens do rio de forma a proteger a supressão da Baixa da cidade. As sucessivas subidas de cota e consequente estabilização do eixo marginal permitiram a instalação do caminho de ferro, potenciando o desenvolvimento industrial, ao longo do ramal ferroviário, actualmente desactivado, cujas instalações obsoletas constituem entraves na relação com o rio.



Fig. 16

Vista da Rua da Moeda a
partir da Praça 8 de Maio

Registo pessoal

Coimbra, 2013

I

Os planos visam a revisão das condições actuais dos edifícios, tendo em conta as necessidades de habitabilidade e de implementação de novas funções nos espaços, sem cair num sintomático processo de restauro do edificado. É essencial consciencializar para aquilo que se deve manter e preservar, como para aquilo que é necessário demolir e transformar.

Paralelamente, as estratégias de intervenção delineadas para a Área de reabilitação Urbana – Coimbra Rio, centram-se na resolução dos problemas inerentes à desconexão do Centro Histórico com as margens do Mondego. Assumindo o objectivo estratégico de potenciar a articulação entre estes, propõe-se uma resolução prioritária em torno da questão da mobilidade, tida como elemento central na reestruturação desta parte do território.

Os obstáculos físicos já sem função, resultantes da desactivação das indústrias constituem um entrave na relação da Baixa com o rio, cujas margens, praticamente não edificadas, conformam um sistema estruturante que possibilita a articulação e continuidade do espaço público.

Um território que se afirma como uma área nevrálgica entre a Baixa e o Rio, hoje amplamente desqualificado, marcado pelos escombros das antigas instalações industriais.



Fig. 17
Edifícios devolutos,
Avenida marginal Emídio
Navarro
Registo pessoal
Coimbra, 2016

I

As infraestruturas de transporte devem estimular a permeabilidade da malha urbana, e não constituir um entrave como acontece com a actual condição da linha de comboio e da estação A, ao provocarem uma situação de rutura.

Verificam-se diversas situações de congestionamento e de desorganização ao nível da rede viária que urge resolver de modo a permitir uma utilização integral e qualificada. A intervenção nos eixos principais – Avenida Fernão de Magalhães e Emídio Navarro – torna-se noutro tema importante nesta estratégia.

Em relação à Avenida Fernão de Magalhães, procura-se estimular uma reestruturação espacial, reduzindo o impacto do trânsito automóvel, e beneficiando de uma mobilidade eficiente e fluida, conferindo-lhe o devido carácter como importante eixo de entrada na cidade.

Com a previsão da substituição da linha ferroviária pela implementação do metro de superfície – proposta através do projecto Metro Mondego – a avenida marginal irá adquirir condições favoráveis à criação de um desenho urbano unitário e contínuo, possibilitando a ligação dos espaços verdes já existentes dos dois lados do Mondego.

Pretende-se uma frente ribeirinha integralmente convertida em espaço público qualificado, com um desenho paisagístico que estimule uma relação activa com o rio.



Fig. 18

Avenida marginal Emídio
Navarro
Registo pessoal
Coimbra, 2015

I

Esta ligação é hoje visível, ainda que pontualmente, em alguns momentos das suas margens. Do lado esquerdo são ainda visíveis marcas da luta com a subida das águas do rio, que têm expressão mais significativa no Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, que durante anos esteve parcialmente submerso, até à sua recente recuperação através do projecto de Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez.²⁵

Após os últimos trabalhos de estabilização das margens do Mondego, promoveu-se uma ocupação dedicada ao recreio público e a consolidação da estrutura verde marginal, tendo sido inaugurado em 2004 no âmbito do programa Polis o Parque Verde Urbano, a Sul da área industrial, que não deixa de servir de mote para a requalificação de toda a zona ribeirinha, revelando o potencial deste eixo para o usufruto público recreativo.

Paralelamente aos problemas relativos às questões de mobilidade, é uma área marcada por diversos vazios urbanos e pelo impasse em que se encontram alguns edifícios desactivados.

Apesar da excepionalidade determinada pela sua condição, torna-se uma parte de cidade sensível pelas implicações que lhe são inerentes, e que acarreta uma grande indefinição formal na malha urbana que urge resolver.

25 A valorização do Mosteiro de Santa-Clara-a-Velha, realizada pelo Atelier 15, teve início após concurso público internacional em 2002, e inaugurada em 2009. O projecto inclui a reabilitação dos espaços do Mosteiro e a construção de um novo edifício-museu.



Fig. 19

Infraestruturas desactivadas
dos caminhos de ferro
Registo pessoal
Coimbra, 2016

I

A maioria dos edifícios apresenta um uso exclusivamente não residencial, destacando-se a instalação maioritária de serviços, oficinas, e pequenos equipamentos.

Trata-se de uma faixa de território com uma ocupação pouco densificada. Para além dos escombros da indústria e das infraestruturas pertencentes aos caminhos de ferro, apresenta a maioria do seu edificado junto da avenida Fernão Magalhães, assumindo-se como referência na entrada da cidade.

Recentemente fixou-se um importante sector de turismo – embora já pontuada por residenciais, pensões e alguns hotéis – tendo-se verificado uma crescente concentração de unidades hoteleiras ao longo dos eixos que acompanham as margens do rio, aumentando substancialmente a diversidade e oferta das unidades de alojamento.

É necessário encontrar um equilíbrio na gestão da multifuncionalidade nesta zona da cidade, que apresenta um claro défice de oferta a nível cultural, recreativo, e de habitação.

Motiva-se a qualidade destes lugares através da sua transformação em espaços públicos qualificados, em permanente diálogo com a malha urbana. É importante promover a oferta neste sentido, aproveitando as parcelas de terrenos expectantes, reintegrando este território no Centro Histórico e devolvendo o rio à cidade.









II.I

Lugar e memória

II.II

Atmosfera e percepção do espaço

II.III

Articulação espacial e linguagem arquitectónica



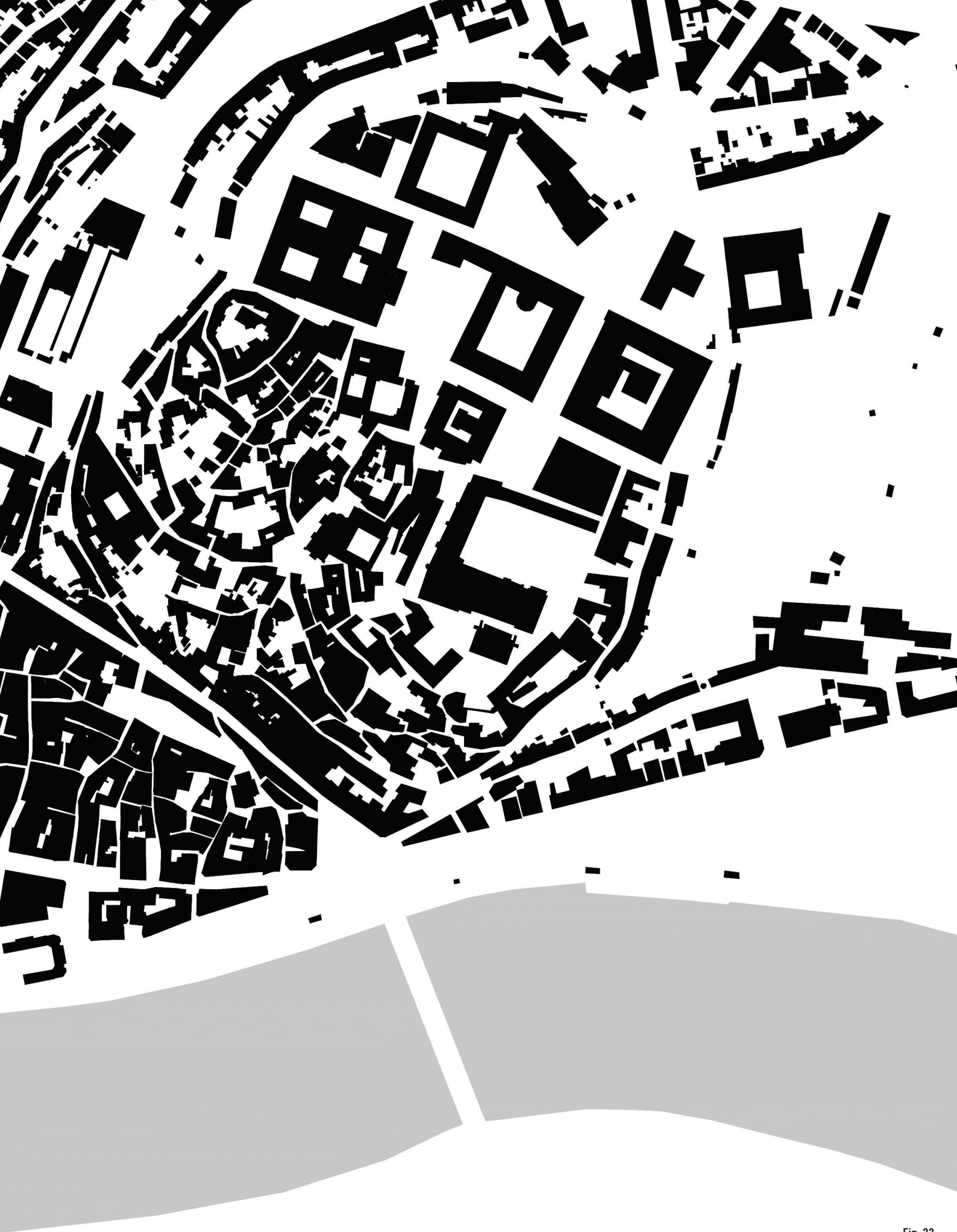


Fig. 22
Planra da cidade de Coimbra
● área de intervenção
1.4000

Lugar e memória Assumindo o objectivo estratégico de potenciar a articulação entre a Baixa e o Mondego, propõe-se intervir num terreno que se insere dentro da Área de Reabilitação Urbana (ARU) frente de rio.

Inscribe-se entre os dois principais eixos estruturantes desta zona da cidade – a Avenida marginal Emídio Navarro e a Avenida Fernão de Magalhães.

“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade.”²⁶

Evocando Aldo Rossi, esta é uma área que reúne muitos “tempos de cidade”. A memória que subsiste nos escombros das indústrias revela-se incoerente com o planeamento e construção que lhe precedeu, num crescimento descontextualizado, resultando em ruturas urbanas que hoje devem ser repensadas.

É uma escolha que surge pelo potencial e pela necessidade de valorização do lugar.

Encontra desde a sua génese uma relação muito próxima com a paisagem. O Mondego, que determinou Coimbra, moldou a morfologia deste lugar tanto quanto hoje este transforma a imagem do rio, num processo evolutivo que remete para a questão do transitivo e da condição efémera do mundo. Lembramo-nos do poema de Mallarmé.

O carácter funcional e formal dos volumes permanece como imaginário de uma importante ocupação que hoje é ignorada.

²⁶ ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p. 80



Fig. 23

Vista aérea do terreno

Fig. 24

● Planta do terreno

Condição actual

1.2000



Num acto de cristalização do tempo, os corpos vão resistindo, assumindo-se como face visível de um património industrial que preserva a dignidade de uma época transformadora na dinâmica da cidade.

Os edifícios pré-existentes encontram-se na sua maioria devolutos. À excepção de um pequeno restaurante no interior do quarteirão e de um alfarrabista instalado numa construção pré-fabricada a norte, virado para a avenida Fernão de Magalhães, o restante edificado remonta à época da industrialização, estando de pé pouco mais do que as paredes exteriores e algumas estruturas internas. Estes edifícios viram-se perpendicularmente ao rio, para uma pequena rua sem saída (rua do Arnado), conferindo-lhe um carácter muito próprio pela singularidade das fachadas.

No gaveto da Avenida Fernão de Magalhães eleva-se um pequeno edifício de habitação, cuja ruína não permite uma adaptação evolutiva na relação com a morfologia da envolvente próxima, revelando-se hoje descontextualizado com a escala dos edifícios que desenham este eixo.

Os edifícios que lhe precedem, remontam à época industrial, na viragem para o século XX. São constituídos por um conjunto de sete armazéns – metade já sem cobertura – que conformam antigas oficinas de pequena escala, hoje desactivadas. O conjunto é rematado pelo edifício devoluto da fábrica da Ideal, antiga fábrica têxtil que se manteve no activo até meados da década de 90, tendo sofrido em 2011 um incêndio do qual restaram apenas as paredes exteriores, sendo completamente entaipado.

Na primeira linha de edificado da frente de rio, enquadra-se numa posição de destaque na imagem da cidade.



Fig. 25

Vista do gaveto da Rua do
Arnado com a avenida Fernão
de Magalhães
Registo pessoal
Coimbra, 2015

As diferentes escalas, massas, e a sua articulação volumétrica, deixam transparecer os diferentes usos que outrora serviam. Há uma importante herança que interessa preservar.

Propõe-se o desenho de um percurso urbano com carácter público que se assume como princípio aglutinador da proposta e catalisador das opções de projecto.

Lança-se o mote a partir desta estrutura que permite mediar os edifícios a preservar e transformar e a envolvente próxima, valorizando a relação da cidade com o rio através de um conjunto permeável com o seu contexto. Surge como elemento unificador do edificado pré-existente e a malha urbana.

Partindo deste critério de completa abertura à sociedade, propõe-se um lugar de encontro para as artes que integra a história da cidade, a paisagem e a cultura. Seria impossível de outra forma.

Reflecte-se sobre a relação da cidade com a arte e da arte com o lugar, numa simbiose entre o espaço arquitectónico e a criação artística como catalisador do desenvolvimento do território e da sociedade que o habita.

A natureza da pré-existência determinou a proposta. Num permanente sentido de harmonia, o condutor do desenho surge a partir de um processo de intelectualização e (re)interpretação do lugar.

Através do entendimento da sua morfologia e das suas qualidades sensoriais, assume-se uma consciência do decorrer do tempo, actuando sob o desígnio de memória do lugar como ferramenta de reflexão sobre as questões de valorização do património cultural da cidade – neste caso património contemporâneo.

Fig. 26

Fachadas dos antigos
armazéns industriais ao
longo da rua do Arnado
Registo pessoal
Coimbra, 2015



É imperioso perceber o que interessa preservar e valorizar tanto quanto aquilo que se deve demolir e transformar.

Deste modo, propõe-se a demolição do pequeno edifício de habitação devoluto que desenha o gaveto da avenida Fernão de Magalhães com a rua do Arnado, bem como a pequena construção pré-fabricada que lhe precede, assumindo a intenção de reformular a relação do conjunto com a envolvente próxima. Entende-se que a tipologia e escala dos volumes que rematam a composição constituem um entrave à afirmação e valorização deste lugar, provocando uma situação descontextualizada com o carácter e morfologia dos edifícios que desenharam este importante eixo de entrada na cidade.

Paralelamente, propõe-se a demolição dos pequenos muros que delimitam o espaço exterior da fábrica, bem como das infraestruturas precárias pertencentes ao restaurante, implantado sem qualquer critério de planeamento urbano no interior do quarteirão. “Entalado” entre as oficinas e as traseiras dos edifícios envolventes, constitui um entrave à requalificação do espaço público, e ao seu pleno usufruto.

“En el caos ruidoso de nuestras grandes ciudades cada vez se ha vuelto más difícil satisfacer la contemplación.”²⁷

Os corpos da fábrica e das oficinas revelam-se assim, libertos do ruído provocado pelas construções que constituíam obstáculos ao processo de desenho que pretende valorizar a dinâmica inerente ao lugar.

²⁷ SERT, Josep Lluís - *Conversaciones y escritos. Lugares de encuentro para las artes*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2011, p. 59



Procedido de uma análise às características e condicionantes do contexto, entendeu-se que seria prioritário a resolução das duas situações de impasse viário, que criavam uma situação de rutura, tanto ao nível da estrutura urbana e da mobilidade, como a abertura à cidade.

Situação que se verifica com a rua do Arnado, que se estende perpendicularmente ao rio, sendo interrompida pelas estruturas de caminho de ferro e que cortam qualquer tipo de ligação ao eixo marginal. Tido como um importante elo de ligação da Baixa ao Mondego, é proposto o seu prolongamento, valorizando a permeabilidade entre o Centro Histórico e a frente de rio.

“A percepção do espaço não implica apenas o que pode ser percebido, mas igualmente o que pode ser eliminado”²⁸

Outro problema que se tornava um entrave na malha urbana e constituía uma situação de impasse na mobilidade é referente à rua Padre Estêvão Cabral, entre os principais eixos – Avenida Fernão de Magalhães e Emídio Navarro – paralela a estes, desembocando num beco sem saída junto a este quarteirão.

Propõe-se a sua resolução – à imagem da Rua do Arnado – ao longo dos limites do terreno, permitindo a sua ligação ao eixo marginal. Este gesto pretende não só resolver os problemas de mobilidade através de uma maior fluidez de circulação, mas tornar este lugar permeável à cidade, multiplicando e clarificando o desenho de acessibilidades que lhe são inerentes.

²⁸ HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 59



Fig. 28

Vista da fábrica Ideal a partir
da avenida marginal Emídio
Navarro.

Perceptível a obstrução
provocada pelas estruturas
dos caminhos de ferro

Registo pessoal
Coimbra, 2015

Paralelamente, propõe-se a desactivação do actual acesso de garagem ao edifício que faz empena com o topo norte do quarteirão – virado para a Avenida Fernão de Magalhães – que se faz pela rua do Arnado, e que atravessa o interior do terreno através do vazio entre a fábrica e as oficinas.

Esta situação criava um problema de rutura na valorização que se procurava para este lugar, propondo-se como alternativa a sua inversão, desenhando-se o novo acesso através da rua Padre Estêvão Cabral.

Este desenho permite clarificar e privatizar o acesso automóvel às garagens envolventes, remetendo-o para segundo plano, libertando o terreno desta condição, ao hierarquizar aquilo que são as prioridades de acessibilidade, privilegiando um desenho qualificado do espaço público.

O que estas intenções de desenho urbano procuram é uma definição muito clara daquilo que são os limites deste terreno, conferindo-lhe um desenho unitário e contínuo que potencie a sua valorização através de um processo de maturação das intenções de projecto, num acto contínuo de reinterpretação do lugar.

Fig. 29

Planta da proposta.
Alteração da rede viária
após análise dos planos de
reabilitação urbana previstos
para o lugar.

● Novo edificado
1:2000



Esta proposta contraria o que estava estabelecido nos P.E.R.U. A nível urbano, propunha-se o prolongamento da rua Padre Estêvão Cabral perpendicularmente à rua do Arnado, acção que provocaria alterações profundas na morfologia do edificado, implicando a demolição dos armazéns e dos restantes volumes, com excepção da fábrica da Ideal, reservada para uma nova unidade hoteleira.

Incluído nos projectos estruturantes previstos nos planos de reabilitação urbana, estaria ainda reservada a parcela de gaveto com a avenida - associada ao edifício em frente igualmente de gaveto - a programa cultural. Situação que não se verifica actualmente, tendo esse mesmo edifício, sido reabilitado para a instalação de uma grande superfície comercial.

Entendeu-se que a fragmentação do quarteirão, reservando a parcela de frente de rio para mais uma unidade ligada ao sector do turismo não permitia o pleno usufruto das potencialidades desta área nevrálgica .

Acções que não nos parecem coerentes com os objectivos estratégicos de potenciar a relação da cidade com o rio, e da criação de uma multifuncionalidade que potenciasses o seu uso público.

Fig. 30

Proposta dos P.E.R.U. para o prolongamento da rua Padre Estêvão Cabral e consequente demolição dos antigos armazéns industriais

1.2000



A proposta, estruturada a partir do percurso público, valoriza a ligação entre os dois eixos que limitam este terreno. Numa primeira fase, assente num processo de desenho sensível entre escala, proporção e forma, a estrutura urbana serpenteia os volumes de forma abstrata, assumindo-se como elemento organizador do projecto, e catalisador de temas que vão construindo a narrativa que se pretende alicerçar.

*“A arquitectura é confrontada com a sua exposição à vida.
Se o seu corpo for suficientemente sensível, pode assegurar
uma qualidade que assegura a qualidade do passado.”* ²⁹

Através de um processo de geometrização intrinsecamente referenciado pela massa dos edifícios pré-existentes, sucedem-se pátios que desenham um percurso deambulatório numa contínua relação com os volumes que desenham e definem esta *promenade architecturale*.

Reafirma-se a avenida Fernão de Magalhães, através de um volume vertical que desenha o gaveto, e que se impõe com uma posição de destaque na abordagem ao lugar, pela sua relação tipo-morfológica.

Em posição oposta e dialogante com este, eleva-se outro volume em altura, que se vira para o rio. Estes elementos revelam-se essenciais na articulação e equilíbrio do projecto, assumindo-se como ancoras nos dois extremos da estrutura urbana proposta, estabelecendo uma relação de tensão com a longitudinalidade deste eixo que desenha os espaços exteriores, transformando a paisagem.

Torna-se fundamental que esta intervenção assinale este novo momento, dê uma nova identidade ao lugar, e potencie um ambiente propício ao que se quer propor para estes espaços.

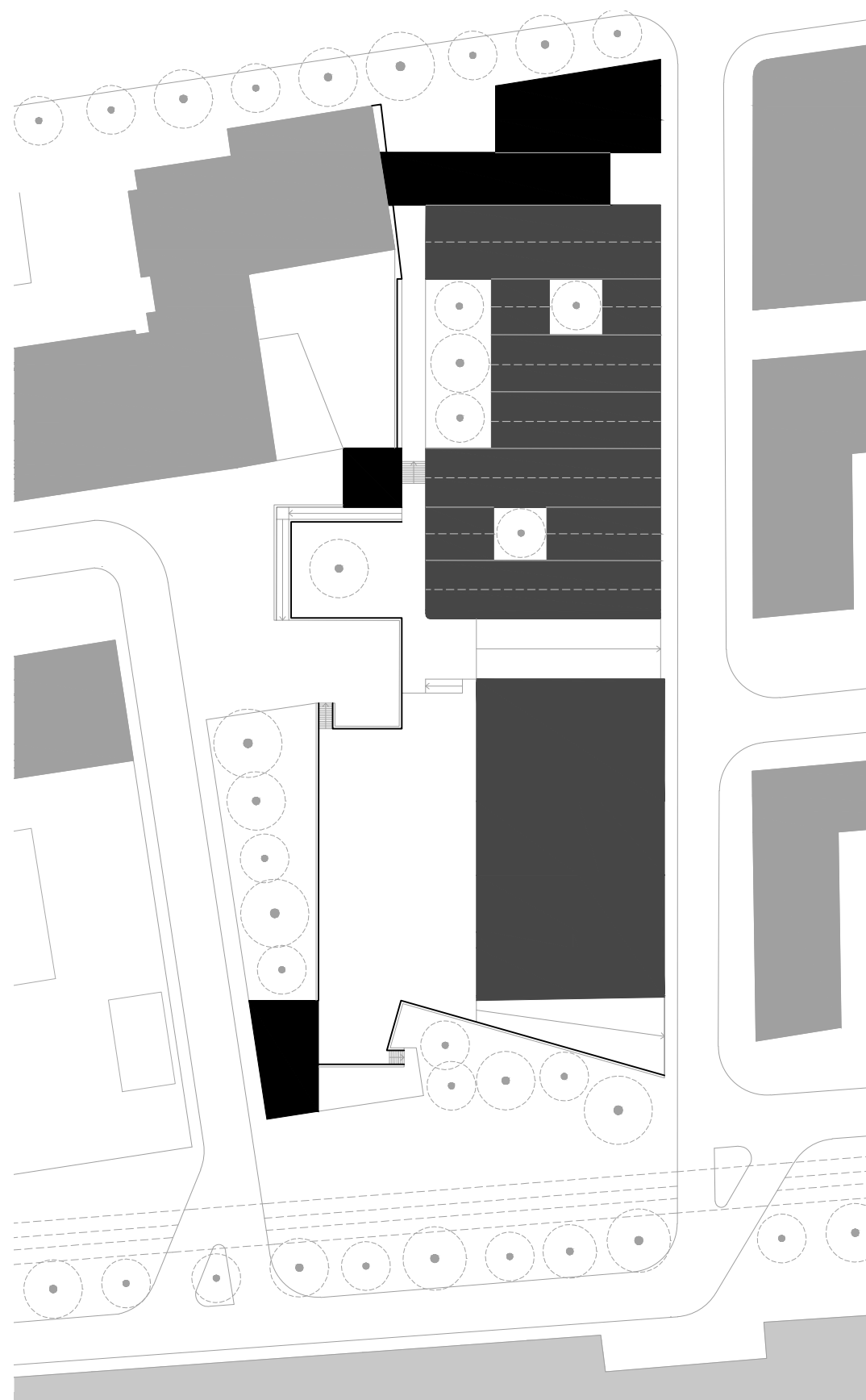
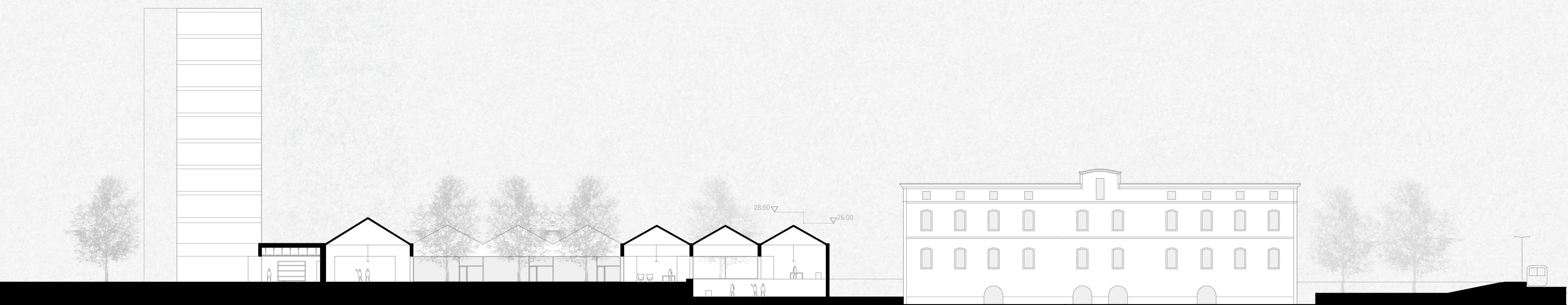
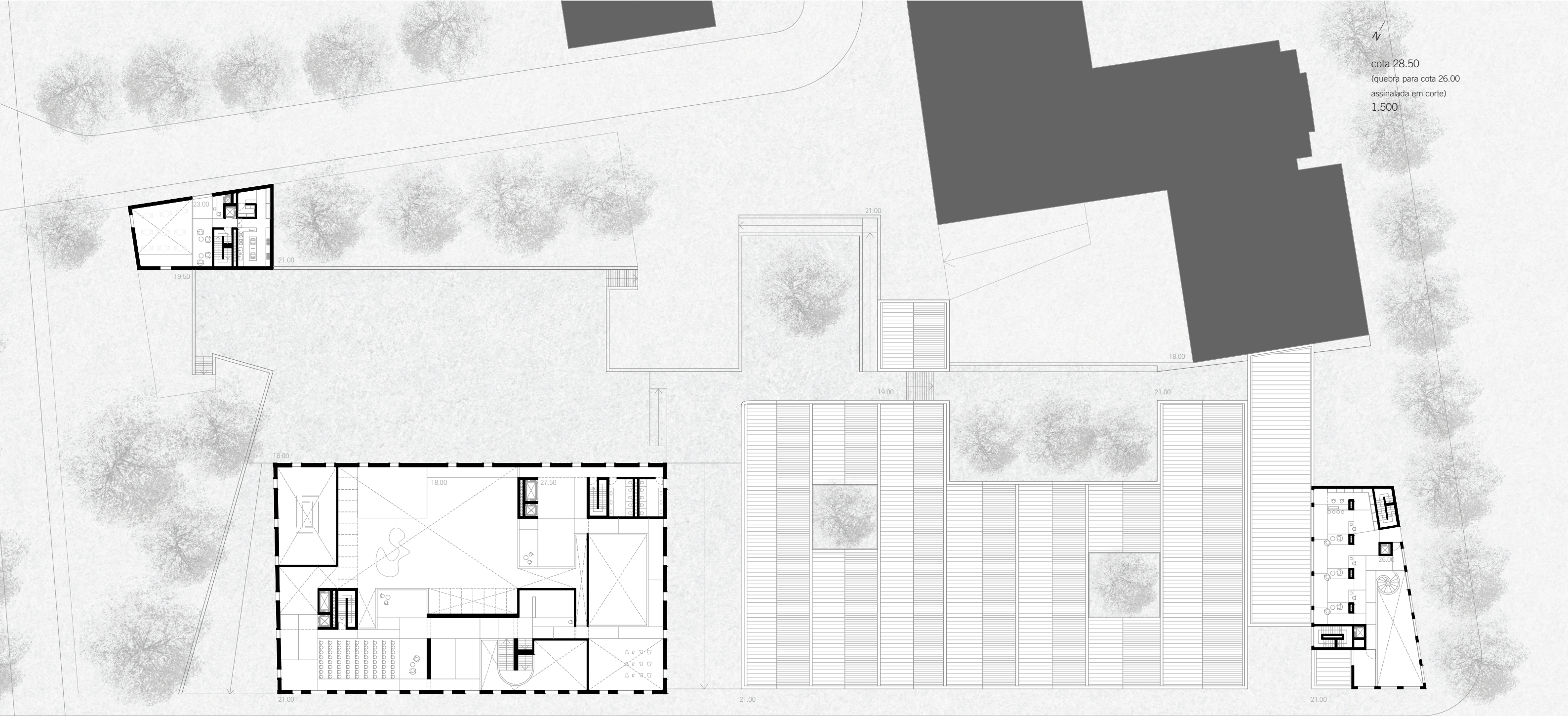


Fig. 31
Implantação final.
1.2000

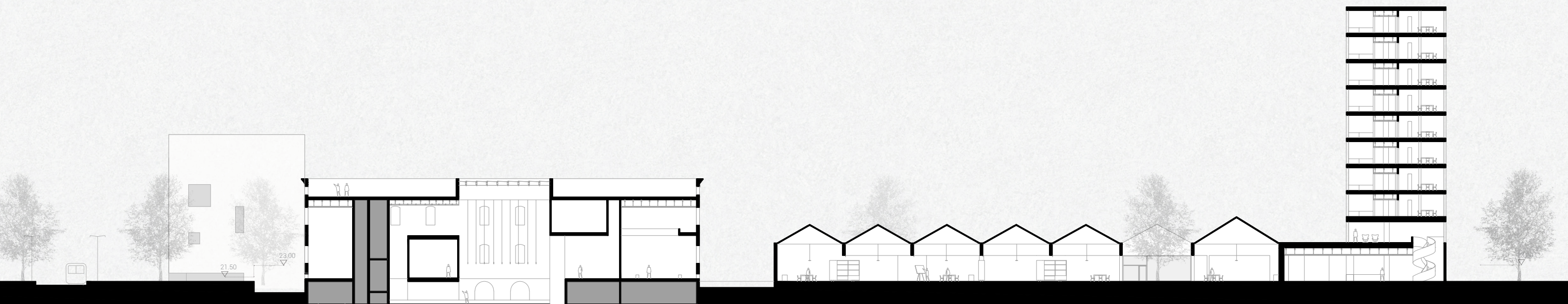
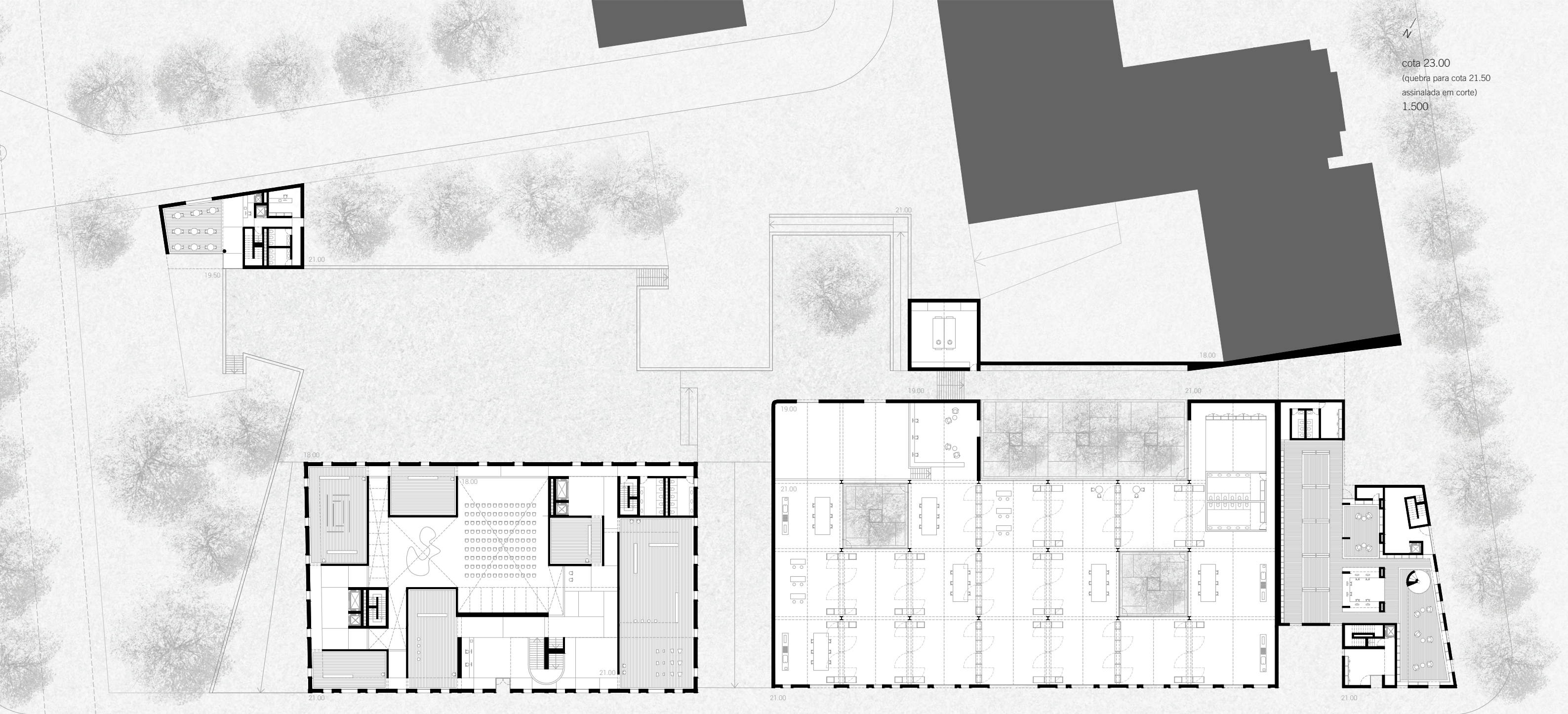




cota 28.50
(quebra para cota 26.00
assinalada em corte)
1.500



N



cota 19.20
1.500





Atmosfera e percepção do espaço A atmosfera do lugar revela-se fundamental ao pensamento de projecto, assumindo o imaginário que nos transportam os corpos que se pretende apropriar, como ancoragem sensorial que serve de mote para o processo criativo.

Entende-se a percepção do espaço como acção intrínseca ao instinto do ser humano, partindo-se de um ponto de vista das sensações provocadas pela natureza do lugar.

Constituem ferramentas que através de um processo de concepção sensível a este, permitem explorar temas de desenho que procuram situações espaciais em permanente sentido de harmonia.

Deste modo, a estrutura urbana que se propõe pretende estimular a relação das oficinas e da fábrica existente com os novos edifícios, explorando uma relação de tensão, onde o novo se dissolve no antigo, num processo de valorização mútua.

“Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.”³⁰

30 ZUMTHOR, Peter -
Pensar a arquitectura.

Barcelona: Editorial Gustavo
Gili, SL, 2009, p. 17

Fig. 36

Vista interior de um dos
armazéns.
Estado actual das estruturas
Registo pessoal
Coimbra, 2015

Encontrando a explicação do seu desenho na diluição dos limites conceptuais de forma, programa e contexto, assume-se como um organismo que se dissolve na paisagem, num processo de transformação do lugar. A forma surge da sua utilização, que por sua vez encontra justificação na morfologia do lugar.

Neste sentido, existem quatro momentos distintos na conformação do percurso público que determinam o carácter e desenho dos diferentes espaços, na articulação com o edificado que se vai desenrolando desde a avenida Fernão de Magalhães até ao eixo marginal.

Parte-se de um primeiro momento de aproximação a partir do centro da cidade.

Através da reinterpretação da volumetria e morfologia dos edifícios envolventes, é conferido ao novo volume vertical um desenho capaz de se afirmar como ponto de referência na avenida. Marca esta nova identidade elevando-se numa posição de destaque que lhe permite assumir-se como elemento articulador entre a cidade e o lugar.

Tendo em conta o contexto em que se insere e o significado da sua tipologia na envolvente, entendeu-se que esta *torre* deveria servir o programa de residência de artistas, reservando os dois primeiros pisos para o uso público de livraria, assegurando a multifuncionalidade numa posição estratégica com o centro histórico.

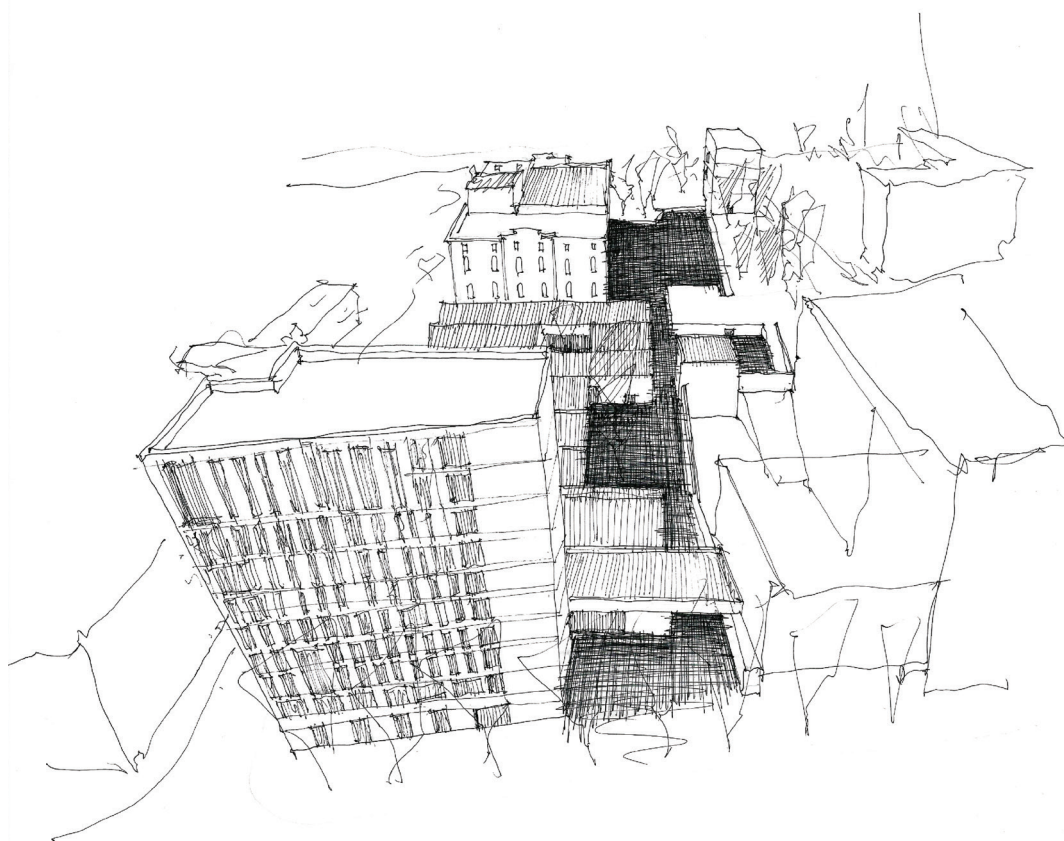


Fig. 37

Estudo da articulação
volumétrica com a estrutura
urbana
Produção pessoal, 2016

Este novo corpo vertical remata a composição pré-existente que se estende desde a marginal, recuando o embasamento, deixando um vazio na articulação com as oficinas.

Também na relação com a avenida se estabelece a continuidade a partir da descontinuidade. A *torre* afasta-se da empena existente permitindo o desenho de um primeiro espaço exterior, de chegada, que se associa ao espaço de livraria.

Surtem como momentos de pausa, necessários para a valorização e compreensão do novo edifício. É a partir deste momento que se lança a estrutura urbana que, num gesto único, articula os diferentes pátios que se associam aos edifícios, moldando o espaço, conferindo atmosferas distintas a cada momento.

É na tensão entre a verticalidade do primeiro corpo, e a transversalidade do percurso arquitectónico que se dá o mote para a experimentação e vivência dos espaços que se vão abrindo, intrinsecamente referenciados pela forma e utilização dos volumes que se dispõe ao longo deste eixo.

As atmosferas e ambientes que se querem aqui explorar encontram a sua génese na dualidade entre luz e sombra. Provoca-se a tensão deste binómio recorrentemente ao longo do percurso, estimulando a experiência sensorial do espaço pela pessoa que o percorre.

“Estou bem aqui, mas neste momento ao virar da esquina, ou noutro ponto qualquer, há algo que desperta a minha atenção, a luz que entra duma certa maneira, e eu passo descontraidamente.

Tenho de dizer que isto é um dos meus maiores prazeres: não ser conduzido, mas sim poder deambular” (...)

Conduzir. Seduzir. Largar, dar liberdade.”³¹



Fig. 38

Vista do gaveto da rua do
Arnado com a avenida Fernão
de Magalhães.

Relação do novo volume
vertical com os edifícios pré-
existentes.

Produção pessoal, 2016

O corpo baixo, que se prolonga a partir do embasamento da torre e que desenha o primeiro pátio, abre uma pequena passagem por baixo da cobertura que se articula com a estrutura urbana.

Desenha-se assim o momento de transição, ao reduzir a escala significativamente, procurando um momento de rutura, que filtre o ruído da vida quotidiana cosmopolita que se sente na avenida.

O ambiente é escuro, acentuado pela torção da parede exterior, que afunila a perspectiva conduzindo-nos de forma subtil. Esta impressão dilui-se gradualmente à medida que avançamos, em direcção à luz que entra pela abertura a sul, afirmando o percurso que nos conduz para o próximo espaço.

Neste momento, sentimos que estamos dentro da proposta. A tensão acentuada pela torção da estrutura urbana é libertada após a primeira oficina. O recuo das três oficinas seguintes permite a abertura de um pátio que se molda de forma natural aos volumes existentes. O exterior surge aqui como prolongamento do interior. Participa activamente na apropriação e utilização do espaço, diluindo as barreiras inerentes a esta dicotomia.

A presença de um conjunto de árvores revela-se importante na recriação do ambiente desejado para este espaço de trabalho. Filtrando parcialmente a luz que incide directamente, proporciona uma atmosfera controlada e suave, propícia ao bem-estar e qualidade espacial que se pretende. Permite também clarificar aquilo que são os limites do espaço de estar, “escavado” a partir do conjunto das oficinas, em contraponto com o espaço de circulação.

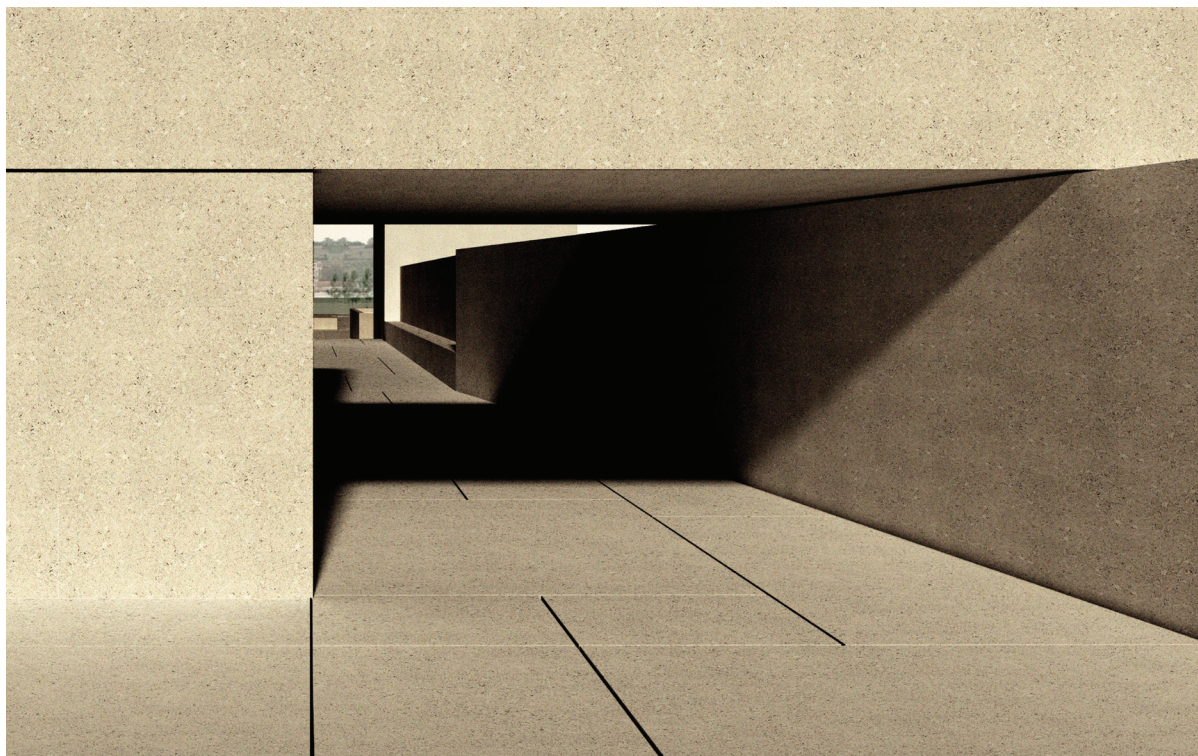


Fig. 39

Momento de transição entre o pátio da
livraria para o pátio das oficinas
Produção pessoal, 2016

No sentido oposto do percurso, e virado para o pátio, a estrutura que define os limites exteriores do desenho urbano, articula-se num banco que se vira para este espaço. Num gesto contínuo, o desenho desta peça de mobiliário urbano revela-se importante na apropriação do espaço, conferindo ao pátio um carácter que incita a momentos de estar e de reunião.

No prolongamento do banco, eleva-se um pequeno volume técnico que se revela importante, tanto na articulação dos espaços, como filtro ao acesso às garagens envolventes. O volume novo dialoga com as naves das oficinas, numa relação de grande proximidade, acentuando a tensão em mais um momento de transição através da redução de escala.

O jogo de sombras revela-se novamente determinante na atmosfera que se quer transmitir. É neste momento que se faz a mudança de cota, através das escadas que nos conduzem ao próximo espaço.

Chegamos ao espaço central do conjunto. Sensível à escala e às proporções, procurou-se um desenho que harmonizasse todos os elementos que lhe são intrínsecos.

Associa-se ao espaço de recepção que se abre nas últimas duas naves das oficinas, assumindo-se como ponto de encontro, elemento agregador de toda a proposta. Os temas de acessibilidade e de permeabilidade com a cidade estiveram sempre presentes na génese do processo de desenho deste ponto nevrálgico.



Fig. 40

Chegada ao pátio das
oficinas.

Articulação da estrutura
urbana com o banco que
define os limites do pátio
Produção pessoal, 2016

Definindo os limites do pátio, desenha-se uma rampa que nos conduz à cota superior do nível da rua, e a partir do qual se articula o desenho da estrutura urbana numa massa que serve o espaço de cafetaria.

Assume-se uma intenção muito clara na construção da narrativa de projecto, de pensar esta estrutura urbana como uma massa de sombras, passíveis de, num processo de escavação, desenhar os espaços que deixam a luz infiltrar-se. Explora-se esta forma de pensar a arquitectura, como motor de desenho de um organismo que se vai articulando, abrindo espaços.

É de acordo com esta narrativa conceptual que se desenha o espaço de cafetaria. Partindo da intenção de articular os pátios que se associam às oficinas de trabalho e ao grande espaço que serve o volume da fábrica, o corpo da cafetaria avança em relação a estes, assumindo-se como charneira.

Define o espaço de transição, no confronto com a última nave das oficinas, permitindo uma relação visual ininterrupta entre os espaços. Neste momento eleva-se diante de nós o volume da fábrica, aumentando a amplitude visual de acordo com as características que determinam a atmosfera do lugar.



Fig. 41

Pátio central, desenhado pela
rampa, que se articula no
corpo da cafeteria
Produção pessoal, 2016

A dimensão do corpo da fábrica definiu a escala e proporção do espaço exterior que se associa, conferindo-lhe a dignidade desejada. Suficientemente afastada, a massa que desenha o espaço de cafeteria articula uma pequena rampa, definindo o limite do pátio que se abre ao longo do edifício.

Mais uma vez se assume uma relação de grande proximidade entre a massa e o vazio. O primeiro determina o segundo, tanto quanto este influencia a espacialidade e percepção do outro. O seu uso está intrinsecamente ligado à utilização do espaço da fábrica, diluindo-se como um prolongamento deste.

Ao longo do seu limite exterior, oposto ao volume da fábrica, as árvores que acompanham o seu desenho à cota da rua servem de filtro para o ruído visual e sonoro, servindo de barreira necessária para a privacidade que se deseja neste momento. Esta acção demonstra-se de grande importância para o bem estar e vivência do espaço, orientando a maior abertura visual para a frente de rio.

Estando três metros abaixo do nível marginal, entendeu-se que esta condição criava a tensão necessária para se definir o momento de transição para o último espaço. Esta circunstância, paralela à completa abertura visual com a marginal, provoca no utilizador a curiosidade necessária para descobrir o último momento deste organismo.

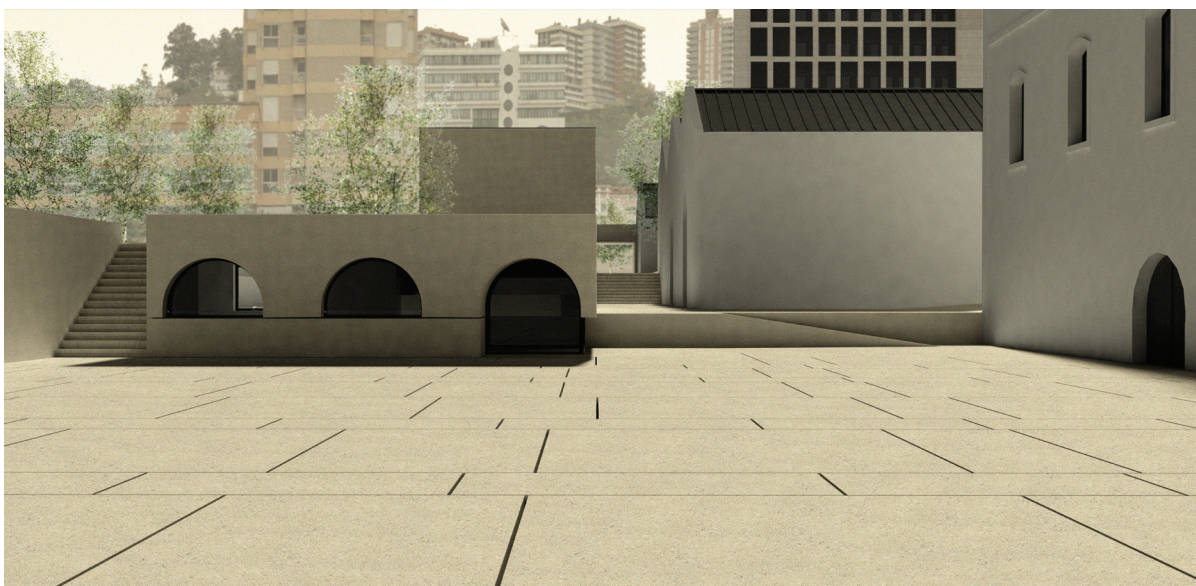


Fig. 42

Pátio do volume da fábrica.
Articulação da cafeteria com
os volumes pré-existentes
e os acessos às diferentes
cotas
Produção pessoal, 2016

Por último, assumindo-se como âncora da estrutura urbana, eleva-se um volume vertical que articula o projecto na relação com o rio. Estando numa posição privilegiada relativamente ao Mondego, entendeu-se que este volume serviria a função de restaurante, privilegiando da relação de proximidade com a paisagem.

A sua posição determina o último momento do percurso.

Articulado a partir deste, desenha-se o acesso pelo qual chegamos ao último espaço, virado para o rio. Eleva-se a meia cota, estabelecendo a transição entre o espaço anterior e a marginal, assumindo-se como um prolongamento do pátio que se desenha a partir da fábrica, beneficiando assim da relação visual com a paisagem.

O corpo que se eleva sobre este participa no espaço, assumindo-se como barreira visual em relação aos edifícios envolventes, conferindo privacidade ao pátio numa relação de grande afinidade com o Mondego e as suas margens.

Procurou-se criar neste último momento um espaço de contemplação, potenciando um patamar de intimidade que enfatizasse a atmosfera espacial, como remate da *promenade* que se desenrola desde a avenida até à marginal.

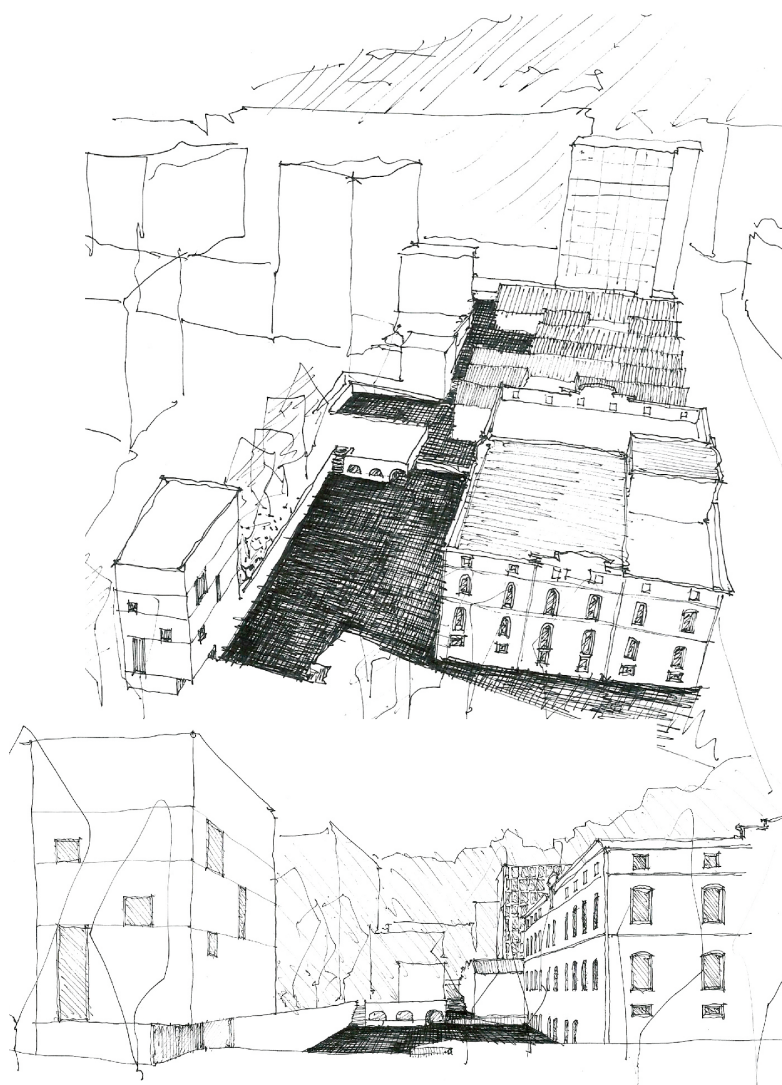


Fig. 43

estudo sobre o último espaço,
articulado com o volume
vertical do restaurante
Produção pessoal, 2016

Todo o processo evolutivo deste organismo foi sempre sensível a questões de ritmo, escala e proporção.

As tensões que se foram criando entre os binómios de luz/sombra, massa/vazio e interior/exterior, permitiram encontrar as atmosferas desejadas, distintas a cada momento. Circunstâncias que exploram realidades sensoriais que conduzam naturalmente o utilizador.

Desde a aproximação ao lugar, passando pelo atravessamento nos momentos de transição, ao habitar, inerente aos espaços que convidam à permanência, procura-se transmitir noções muito claras entre graus de proximidade e distância, proporcionando diferentes patamares de intimidade.

Procura-se o tamanho certo das coisas, inerente à escala do desenho, num claro sentido de unidade entre forma, programa e lugar. A harmonia que se pretende, encontra resposta na relação espacial que se desenvolve a partir de um processo de desenho, que transforma o lugar, e comunica com o sujeito que o habita.

“É esta relação espacial do artista com o seu tema que determina o carácter específico do retrato, “essa espécie de comunicar particular – quase uma conversa – que o espectador está em condições de empreender com a pessoa pintada.”³²

³² HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 91

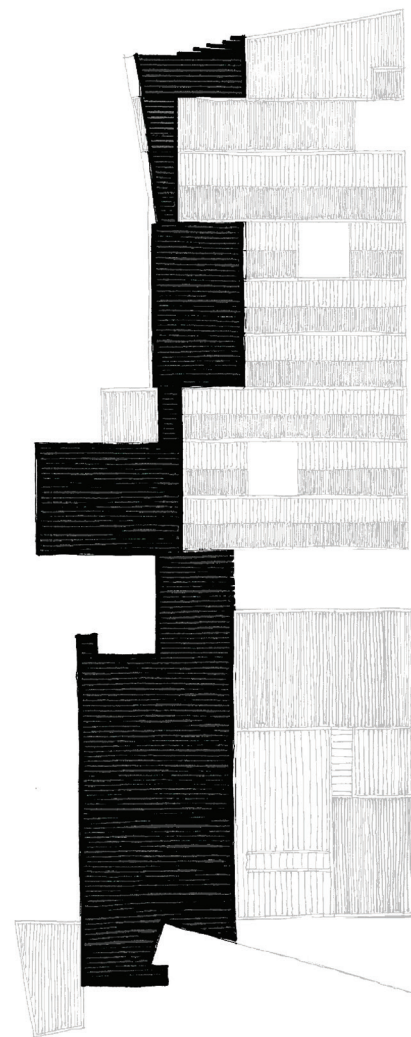


Fig. 44
Estudo da articulação da
massa volumétrica com os
vazios exteriores.
Produção pessoal, 2016

Programa A volume pré-existente. Fábrica.

- Espaço polivalente: 400 m²
- Átrio de entrada: 200 m²
- Salas expositivas: 620 m²
- Sala de video-conferência: 200 m²
- Arquivo: 230 m²
- Camarins: 100 m²
- Sanitários: 135 m²
- Área técnica: 340 m²

B volume pré-existente. Oficinas.

- Átrio de recepção: 180 m²
- Oficinas de trabalho: 1470 m²
- Pátios: 460 m²
- Arrumos: 100 m²
- Área técnica: 85 m²
- Sanitários: 65 m²

C volume novo proposto.

Livraria

- Área de venda: 270 m²
- Área de leitura: 270 m²
- Arrumos: 25 m²
- Sanitários: 25 m²
- Átrio de entrada da residência: 70 m²

Residência

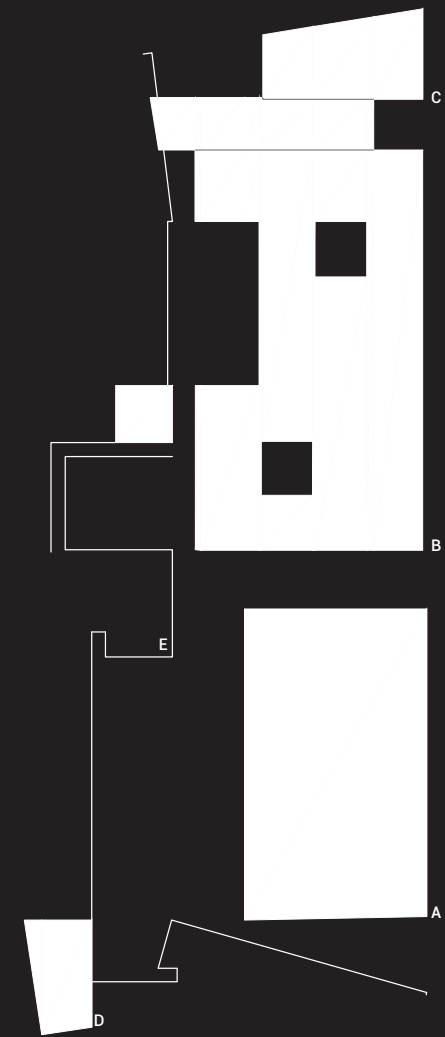
- Quartos individuais: 600 m² (40 módulos de 15 m² distribuídos por cinco pisos)
- Quartos duplos: 360 m² (12 módulos de 30 m² distribuídos por três pisos)
- Área de convívio: 700 m² (distribuído por oito pisos)

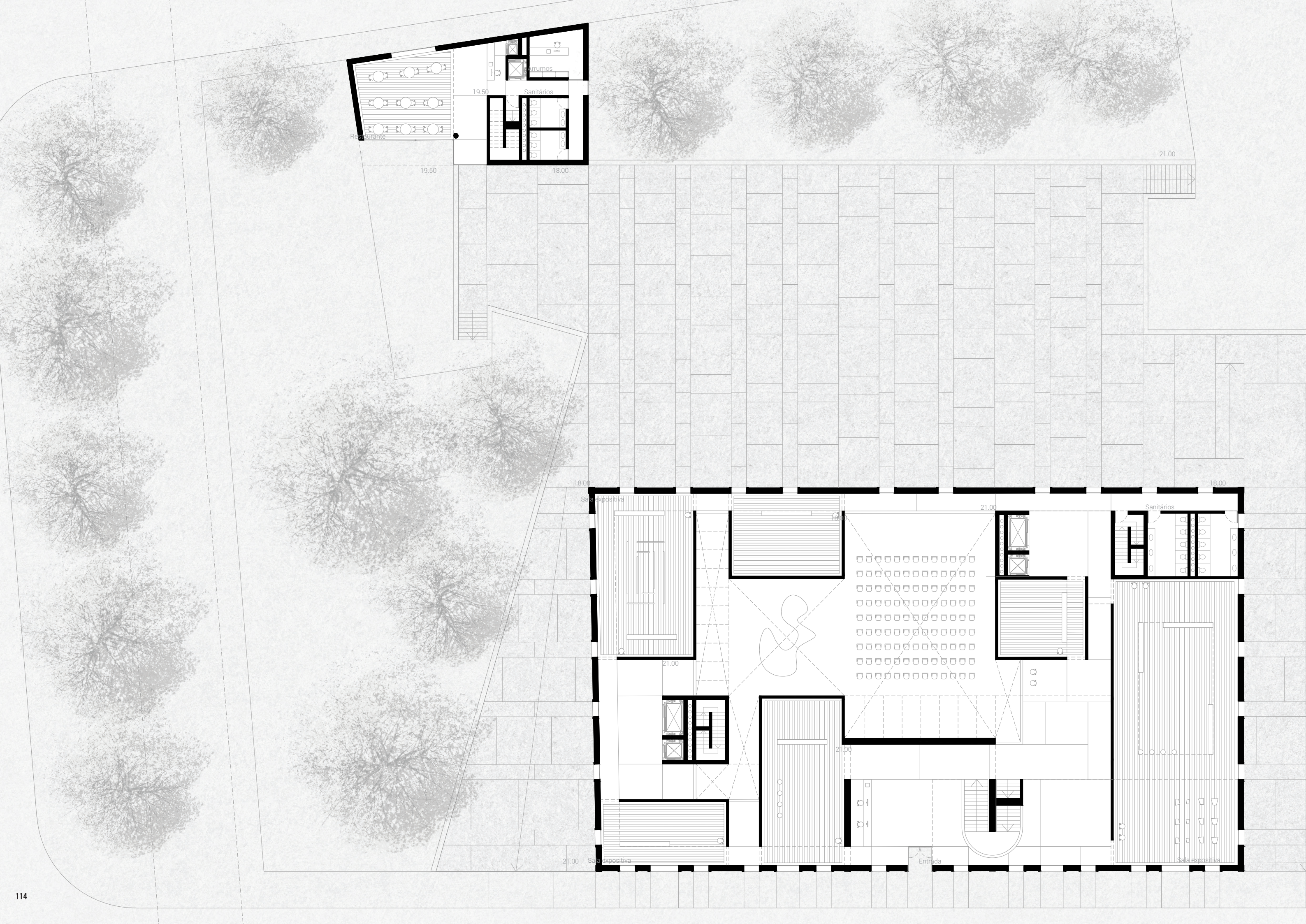
D volume novo proposto.

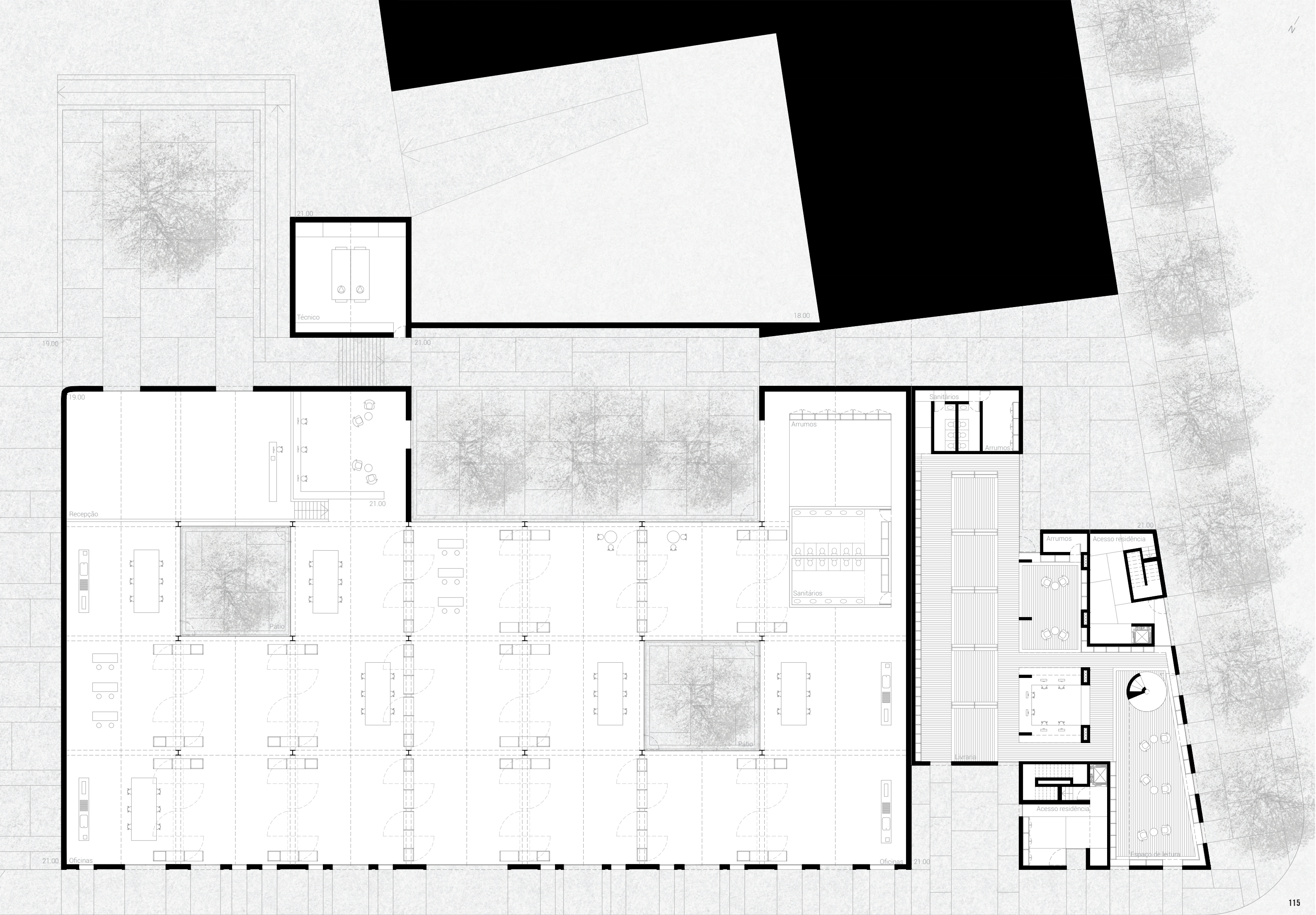
- Restaurante: 120 m²
- Cozinha: 30 m²
- Salas administrativas: 190 m²
- Arrumos: 60 m²
- Sanitários: 100 m²

E Estrutura urbana.

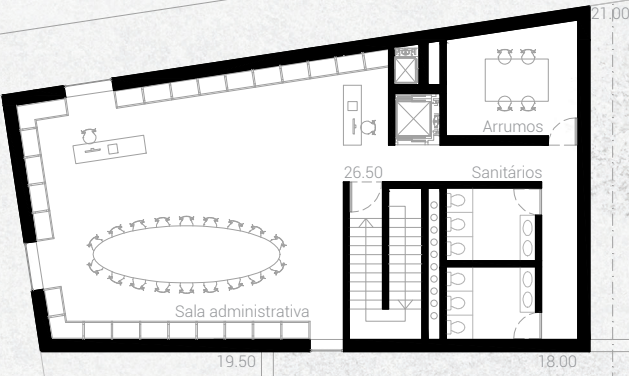
- Cafetaria: 180 m²











Sala administrativa

Arrumos

Sanitários

19.50

26.50

18.00

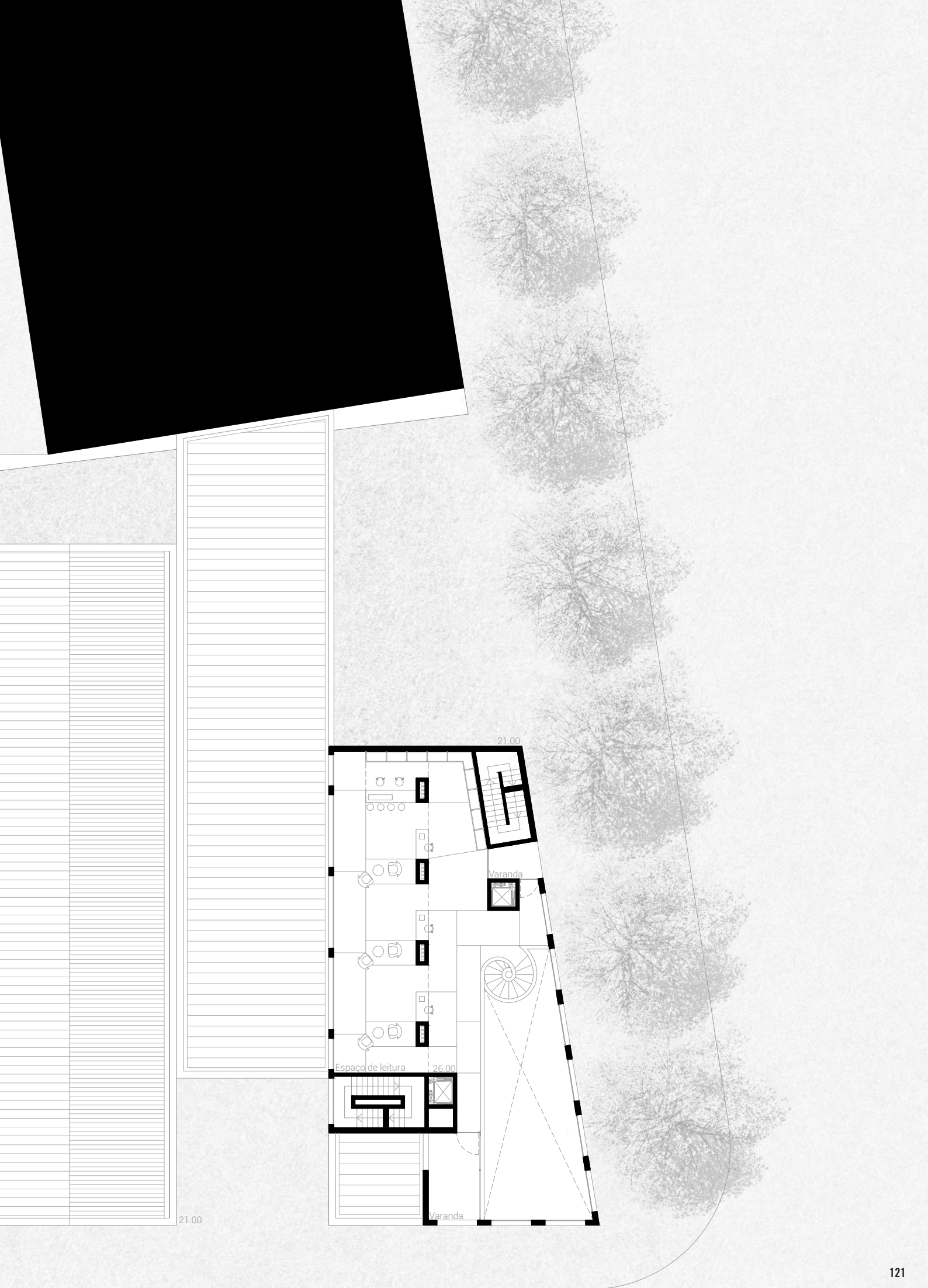
21.00



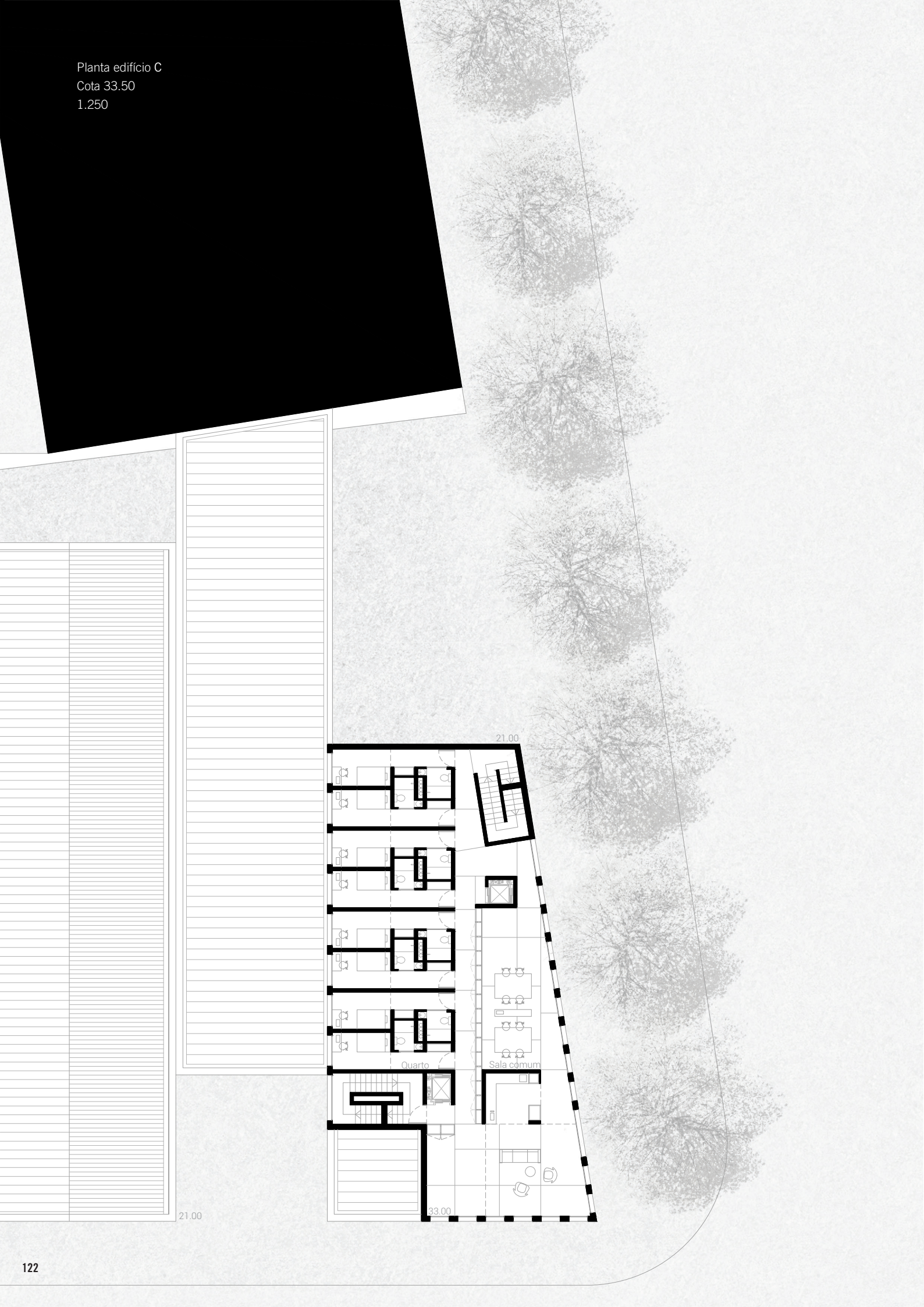
30.00 ▽

▽33.50

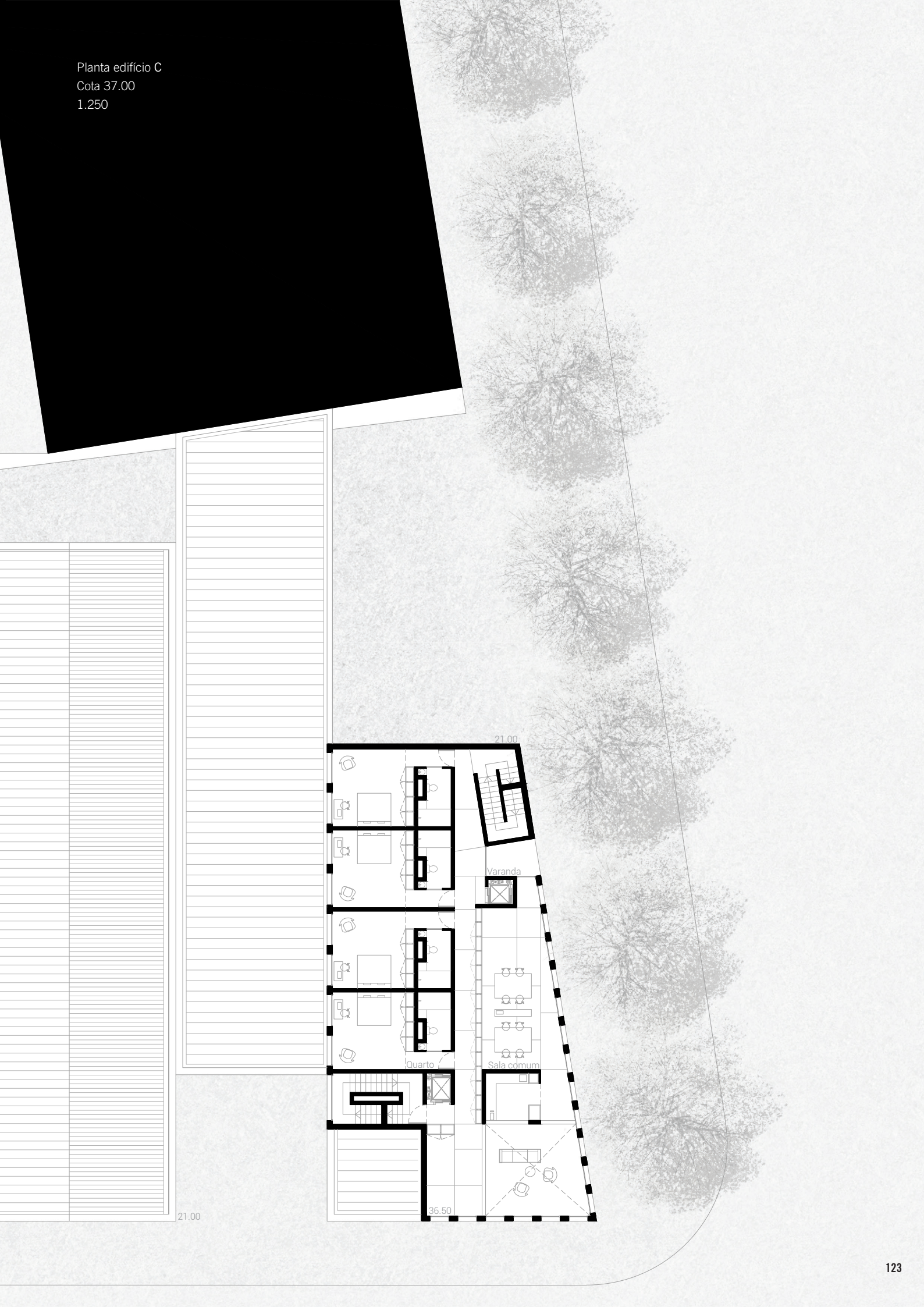
Cobertura



Planta edifício C
Cota 33.50
1.250



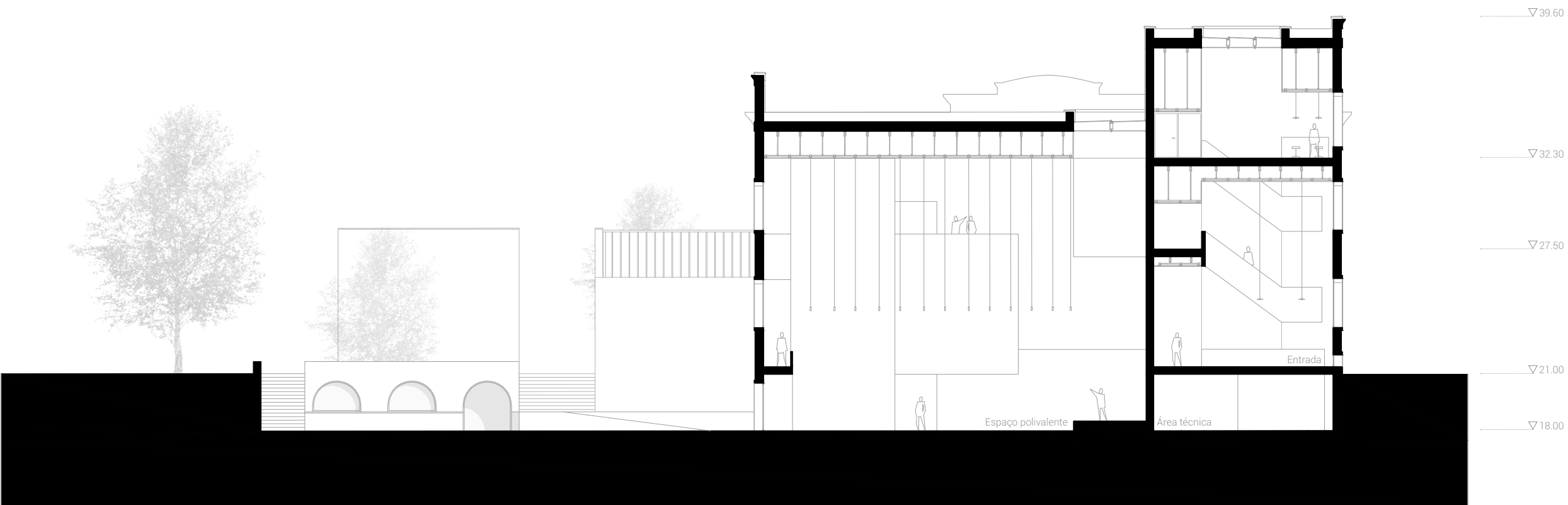
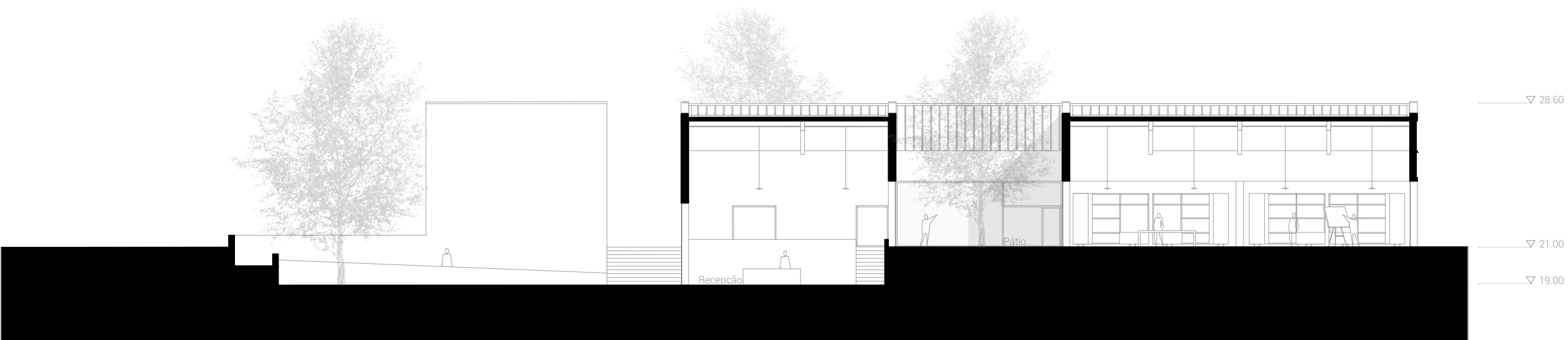
Planta edifício C
Cota 37.00
1.250



Corte transversal
edificio B (oficinas)
1.250

Corte transversal
edificio B (oficinas)
1.250

Corte transversal
edificio A (fábrica)
1.250



Articulação espacial e linguagem architectónica Neste momento, é necessário perceber de que forma a proposta e a paisagem em que se inscreve, se poderão valorizar mutuamente através da compreensão da hierarquia funcional e espacial, na forma como o programa se apropria e determina os espaços.

Assume-se a articulação volumétrica e a coerência formal como desígnio da distribuição programática, numa relação que se revela essencial para a compreensão do projecto.

Neste sentido, a proposta assenta na reabilitação das duas estruturas existentes, e no desenho de dois novos edifícios, que rematam a composição nos extremos da estrutura urbana, ancorando a proposta na relação com a paisagem. A natureza das construções existentes determinou a articulação do programa, partindo de um ponto de vista do diálogo permanente entre o novo e o antigo.

Influenciado pela actuação do Anozero na cidade, o programa deriva de uma interpretação de como a arquitectura pode contribuir para a livre expressão das artes.

Neste sentido, assume-se a apropriação dos edifícios existentes para a criação de espaços informais, que sejam formalmente concebidos para receber diferentes expressões artísticas.

Surgem como programas âncora da proposta que exploram a continuidade espacial, tanto horizontal como vertical, tirando partido da escala e proporção dos espaços. Há uma grande liberdade formal, que através da flexibilidade e adaptabilidade no seu uso, possibilita aberturas programáticas, permitindo que o corpo habite de várias maneiras.

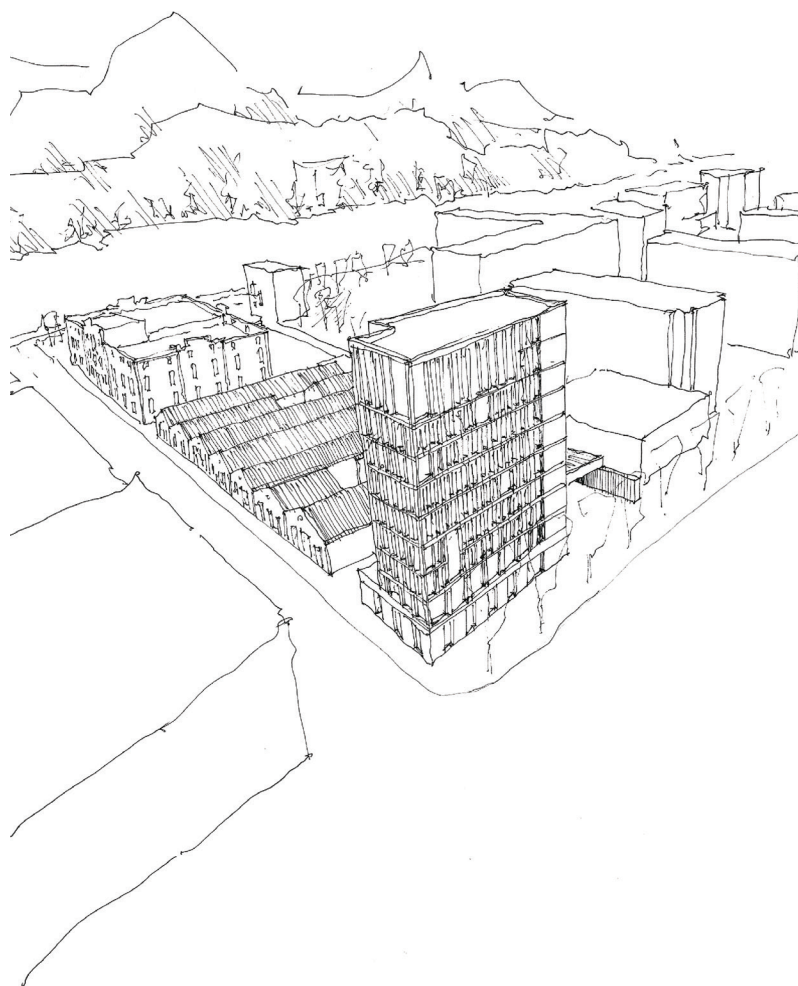


Fig. 52

Estudo da relação da proposta
com a paisagem
Produção pessoal, 2016

Parte-se de uma apropriação com princípios programáticos distintos para cada uma das estruturas. Define-se a adaptação das oficinas a espaços de trabalho, conferindo à fábrica um carácter multifuncional, agregando espaços polivalentes, de performances, e expositivos.

Complementarmente, os dois novos edifícios albergam programas claramente definidos no seu uso, procurando dar resposta ao desígnio de cidade, e ao seu enquadramento.

Ao volume vertical que se eleva junto à avenida Fernão de Magalhães designa-se o programa de residência de artistas, reservando os dois primeiros pisos a espaços de livreria. Paralelamente, define-se o volume vertical que remata a composição junto ao rio com o programa de restaurante no piso térreo, surgindo no prolongamento do último momento exterior da estrutura urbana, que se abre para a paisagem.

Procura-se garantir um equilíbrio programático que vá de encontro à multifuncionalidade que se pretende alicerçar nesta área da cidade, valorizando o contexto em que se inscreve.

Deste modo, as antigas oficinas são reinterpretadas a partir da modulação formal presente na estrutura e nas coberturas inclinadas. Pelo carácter que transmite a pré-existência, acentuado pela repetição das naves que se dispõem lado a lado, somos transportados para um imaginário que remete à sua génese funcional, definindo-se a sua adaptação a espaços de trabalho dedicados à produção artística.

Procura-se reinterpretar este lugar, sendo sensível ao processo de apropriação dos espaços, percebendo a sua informalidade e adaptabilidade tendo em conta o seu uso. Explora-se um desenho completamente permeável à sociedade, que promova o cruzamento de ideias, e estimule a discussão.

A memória, anteriormente referida como essencial, inerente a todo o processo, surge aqui como ferramenta na compreensão da atmosfera que se procura para estes espaços.

“(...) tudo o que o homem faz e é está ligado à experiência do espaço. (...) A estruturação do mundo perceptivo não é somente função da cultura, mas igualmente da natureza das relações humanas, da actividade e da afectividade.” ³³

Partindo desta intenção, e tirando partido da modulação estrutural pré-existente, entendeu-se que a completa abertura entre as diferentes naves seria uma mais valia na relação entre os espaços de trabalho, num contínuo processo de contaminação criativa. A liberdade espacial, transversal a todos os momentos, proporciona o ambiente que se pretende.

Numa primeira instância, desenha-se o espaço de recepção, a uma cota mais baixa, aberto para o pátio central. É um programa que surge numa posição estratégica na relação com toda a proposta, partindo-se de uma distribuição centralizada a partir deste ponto.

Esta mudança de cota permite uma definição clara daquilo que são os espaços de trabalho, transversais a todas as oficinas, ao nível da rua.

Em relação ao funcionamento quotidiano, explora-se a amplitude e a liberdade espacial no desenho do mobiliário. Introduce-se um conjunto de peças amovíveis, que reforçam a sua adaptabilidade e flexibilidade pela possibilidade de variação na configuração de cada espaço, moldando-os de acordo com as necessidades dos diferentes usos.

Aliado a esta permeabilidade, introduzem-se dois pátios interiores, que a partir da modulação da estrutura se apresentam em dois pontos estratégicos. Estes momentos participam activamente na relação com o espaço interior, constituindo um importante prolongamento deste. A sua introdução a partir da massa volumétrica, permite um ambiente quente e sereno, proporcionado pelo contacto da luz com as superfícies do mobiliário.

Explora-se o imaginário e a intimidade de jardim, escavado no interior, beneficiando de uma atmosfera que transporta a serenidade propícia ao pleno usufruto destes espaços.

“No iba a ser un museo, sino que consistiría en una serie de espacios cubiertos y descubiertos situados en la ladera de la colina, espacios conectados mediante jardines aterrazados, rodeados de pinares, donde la gente podría moverse, descansar y ver cuadros, esculturas, cerámicas, mosaicos, dibujos, carteles y libros mientras disfrutaba de la naturaleza, del sol y de ver y encontrarse con otra gente.”³⁴ (sobre a fundação Miró).

³⁴ SERT, Josep Lluís - *Conversaciones y escritos. Lugares de encuentro para las artes*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2011, p. 61



Fig. 53

Vista interior das oficinas.
Produção pessoal, 2016

Seguindo a mesma ideologia, reinterpreta-se o volume da fábrica a partir das estruturas existentes, tirando partido da escala do grande vazio que se abre no seu interior. Os espaços que se apropriam e moldam o corpo da fábrica constituem um dos momentos centrais da proposta.

Novamente, a memória surge aqui como catalisador do processo de desenho e pensamento que acompanha a narrativa conceptual. Reflecte-se sobre a adaptabilidade das estruturas existentes, como desígnio das atmosferas espaciais que transformam e valorizam o lugar. As inúmeras janelas, que se abrem sobre a paisagem, conferem um ritmo, e uma escala singulares a este grande espaço.

Assume-se a relação entre arquitectura e a criação artística como pretexto para se explorar aberturas programáticas, e a informalidade dos espaços.

Partindo desta condição como premissa, os níveis de pisos são reinterpretados a partir de sucessivos mesanines, articulados em função do grande espaço central que se apropria da totalidade do pé direito existente.

“Mass and hollow, openness and compactness, rhythm, repetition and variation – those were our concerns while drawing the quarry sketches. And in the process of mentally hollowing the mass, a large in-between space emerged, a vast, interconnected context, a spatial continuum that became more and more fascinating.” ³⁵



Fig. 54

Vista interior do espaço
central da fábrica
Produção pessoal, 2016

Tirando partido da sua escala, desenvolvem-se diferentes possibilidades de apropriação deste espaço para performances artísticas, conferências, concertos, dependendo das necessidades de cada programa, explorando a permeabilidade vertical e a relação com os diferentes patamares que se abrem a partir dos pisos superiores, que se vão articulando entre os volumes designados ao programa expositivo.

“A arquitectura como arte do espaço e do tempo, entre serenidade e sedução.”³⁶

Explora-se o desenho e articulação de estruturas internas, como massas que desenham sequências espaciais, que conduzem o utilizador de forma natural. Convidam a que se percorra os espaços, instigados pelas sensações provocadas pelo diálogo entre luz e sombra, que contracenam entre os corpos, orientando-nos.

As experiências sensoriais provocadas por estes binómios, na relação com a paisagem determinaram o processo de desenho.

Neste ponto, as aberturas para o exterior permitem que a paisagem assuma um papel determinante no carácter dos espaços interiores. O percurso que deambula em torno dos volumes, procura uma relação de proximidade não só com o espaço central, mas também com a paisagem e com o rio.

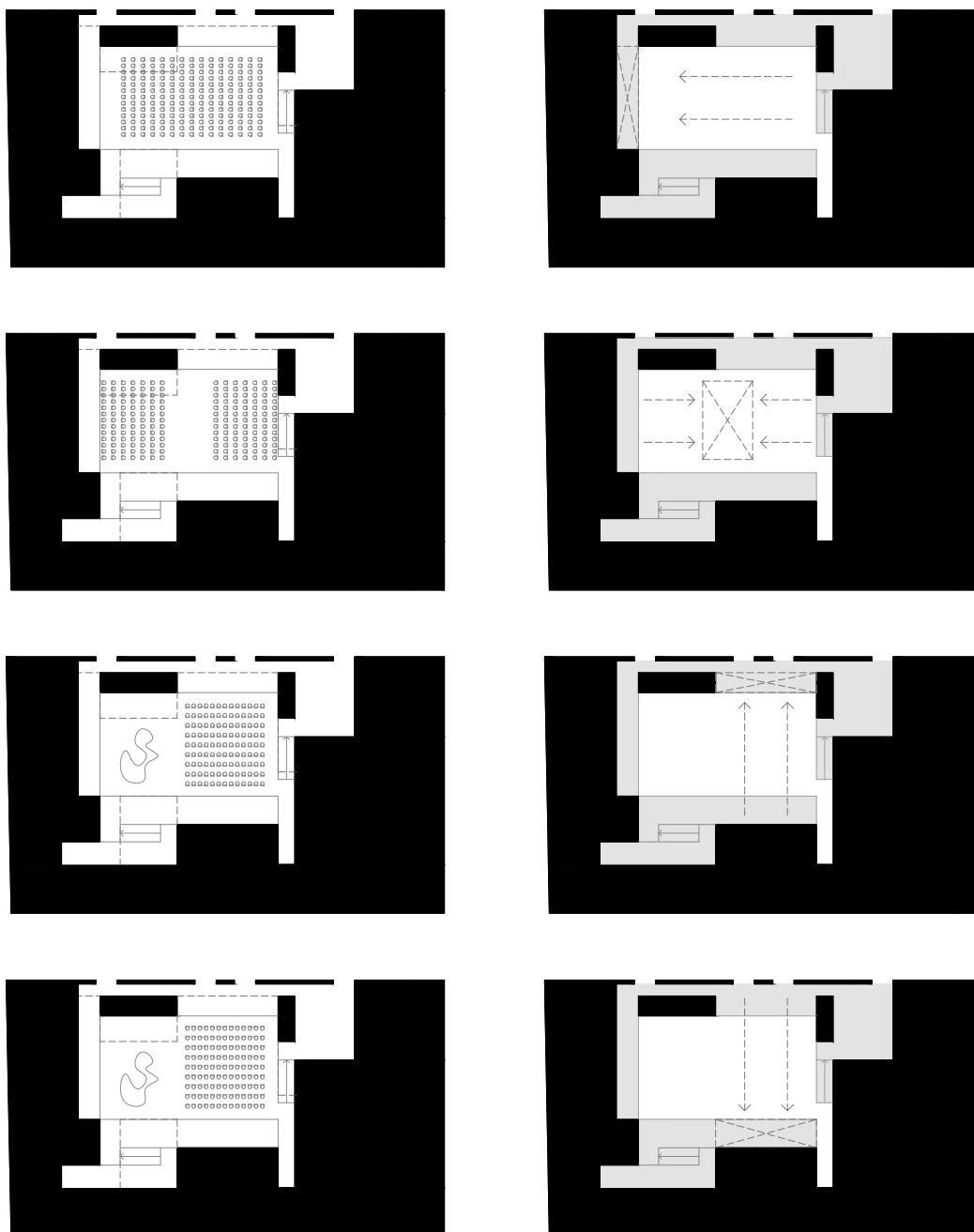


Fig. 55

Esquemas de diferentes
apropriações do espaço no
piso térreo da fábrica
Produção pessoal, 2016

Em contraponto à reabilitação das duas estruturas existentes, desenham-se dois novos edifícios, que reinterpretam o lugar e definem o equilíbrio formal da proposta.

Com caracteres distintos, eleva-se um primeiro volume vertical no gaveto da avenida Fernão de Magalhães, que restabelece a relação do lugar com a cidade, e em extremo oposto outro volume vertical de menor dimensão que anuncia a clara vocação do conjunto no diálogo com o rio.

O edifício que se abre para a avenida, serve de âncora entre o conjunto e o centro da cidade, redesenhando a sua articulação com o lugar. Servindo-se dos dois pátios que definem os seus limites, desenha-se no embasamento do volume os espaços de livraria, que ocupam os dois primeiros pisos. Exploram-se espaços de carácter distintos, associados a momentos de leitura, de venda, e de conferências, que se articulam de forma coerente com a função que lhes é designada.

O uso da madeira, presente no mobiliário e no pavimento, potencia o ambiente e o bem-estar que se pretende para estes espaços. As sensações provocadas pela luz, em confronto com os materiais, assumem-se como tema de desenho constante num processo de experimentação e de consequente maturação. As atmosferas espaciais resultam deste diálogo.

Organiza-se o primeiro piso em dois momentos distintos, moldando os espaços em função do desenho do balcão de recepção, que determina a dinâmica entre estes.



Fig. 56

Vista interior do espaço de pé
direito duplo da livraria
Produção pessoal, 2016

Assume-se uma permeabilidade espacial permanente, que explora a modulação do espaço através da tensão criada na variação do pé direito. A noção de escala e proporção acompanha este processo.

O primeiro momento que se abre para os dois pátios, de escala reduzida, prepara o espaço amplo que se eleva num pé-direito duplo, em relação com a avenida. Introduz-se a verticalidade, aumentando significativamente a escala, procurando um outro tipo de espaço.

A proporção das estantes, que se prolongam do espaço de entrada, estabelece a divisão espacial em dois momentos altimétricos: a escala do utilizador, – conseguida através do seu desenho – e a escala do espaço. Aproximam à escala humana, criando um ambiente confortável na relação com a amplitude do pé-direito e a dimensão generosa dos vãos que se abrem para este espaço. Mais uma vez, a luz determina o ambiente de serenidade que se procura.

Explora-se uma continuidade espacial que valoriza a vivência e a atmosfera de cada momento, coerente com as intenções de projecto. Num gesto único, a escada, que se assume como elemento solto, prolonga o seu desenho definindo os limites da mesanina que estabelece a relação espacial entre os dois pisos, conduzindo-nos naturalmente para o último espaço.

Novamente de escala reduzida, procura-se neste último momento estabelecer uma relação de proximidade com a paisagem, que se estende em direcção ao rio, conferindo a este espaço uma atmosfera que convida à permanência.

Aos pisos superiores, é designado a função de residência de artistas. Entendeu-se que para a valorização deste lugar, bem como para a multifuncionalidade que se pretende alicerçar na área envolvente, seria essencial a implementação deste tipo de programa.

Parte-se de um entendimento muito pragmático e claro de organização do espaço.

A distribuição funcional é organizada em dois momentos distintos: espaços privados e comuns, articulam-se através da posição dos dois volumes de acessos verticais, colocados em extremos opostos, constituindo elementos importantes na conformação dos espaços e na distribuição programática, assumindo-se como âncoras que determinam a génese morfológica do edifício.

Partindo desta divisão bastante racional e objectiva, procurou-se conferir diferentes qualidades espaciais a cada momento, nas circunstâncias distintas, intrínsecas à relação que cada um estabelece com a paisagem.

Numa primeira instância, entendeu-se que os espaços que se viram a poente seriam designados aos módulos dos quartos. A relação com o rio e com a paisagem, revela-se propícia ao ambiente reservado que se pretende, tirando partido do seu desenho regular e ortogonal, permitindo explorar uma rigorosa articulação, e um maior aproveitamento do espaço no desenho dos módulos habitacionais.

Paralelamente, optou-se por confinar as áreas comuns ao topo que se vira a sul para o centro histórico. A atmosfera que se procura para este espaço enriquece não só pela relação visual que se estabelece com a imagem icónica da Universidade como pano de fundo, mas também pela amplitude das suas proporções, elevando-se num pé direito duplo beneficiando das dimensões generosas dos vãos que se abrem para este espaço.

O volume eleva-se através de uma estrutura regradada que enfatiza o desenho de alçado dos edifícios existentes, permitindo uma clara flexibilidade e adaptabilidade na utilização interior.

O material presente nas fachadas, revela-se determinante na coerência formal da proposta. assumindo-se como tema agregador do projecto. Procura conferir um equilíbrio formal na tensão entre o novo e o antigo, enfatizando o desenho dos dois novos volumes verticais e da estrutura urbana que articula a proposta.

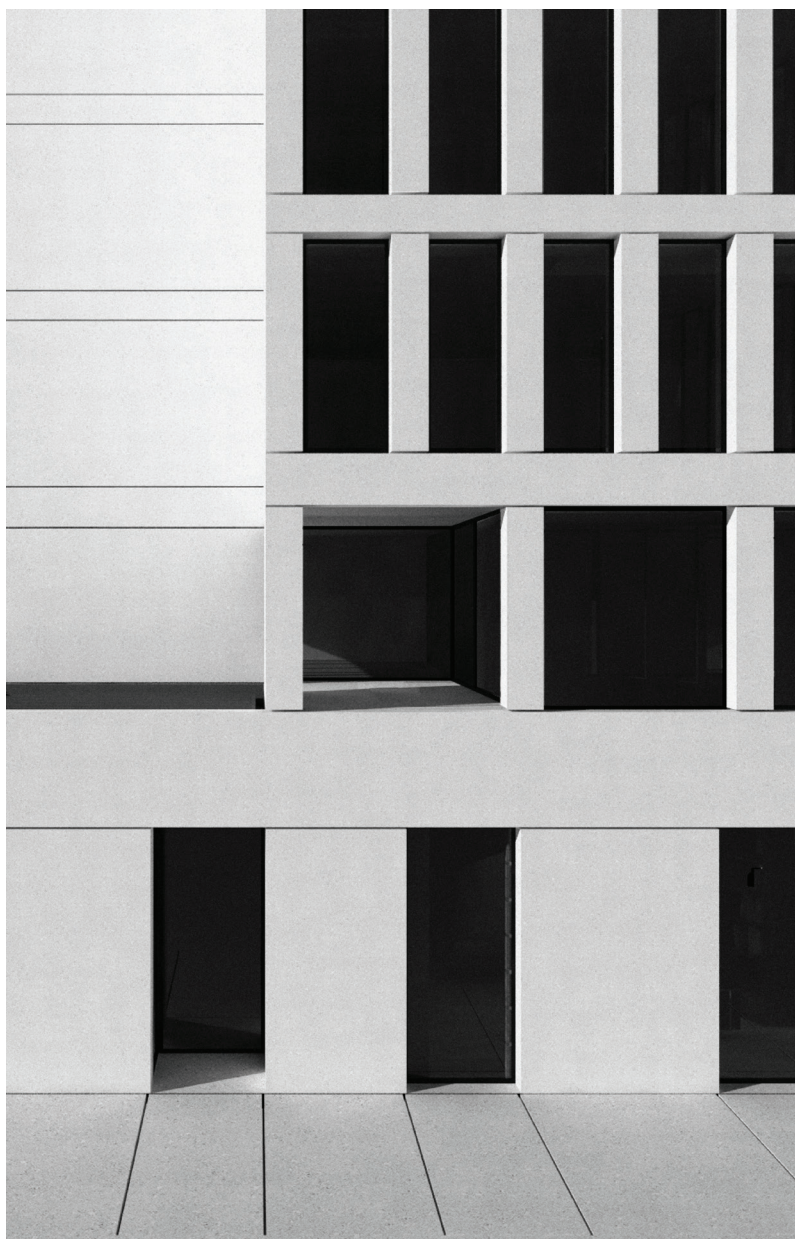


Fig. 57

Edifício da residência.
Detalhe da materialidade na
fachada
Produção pessoal, 2016

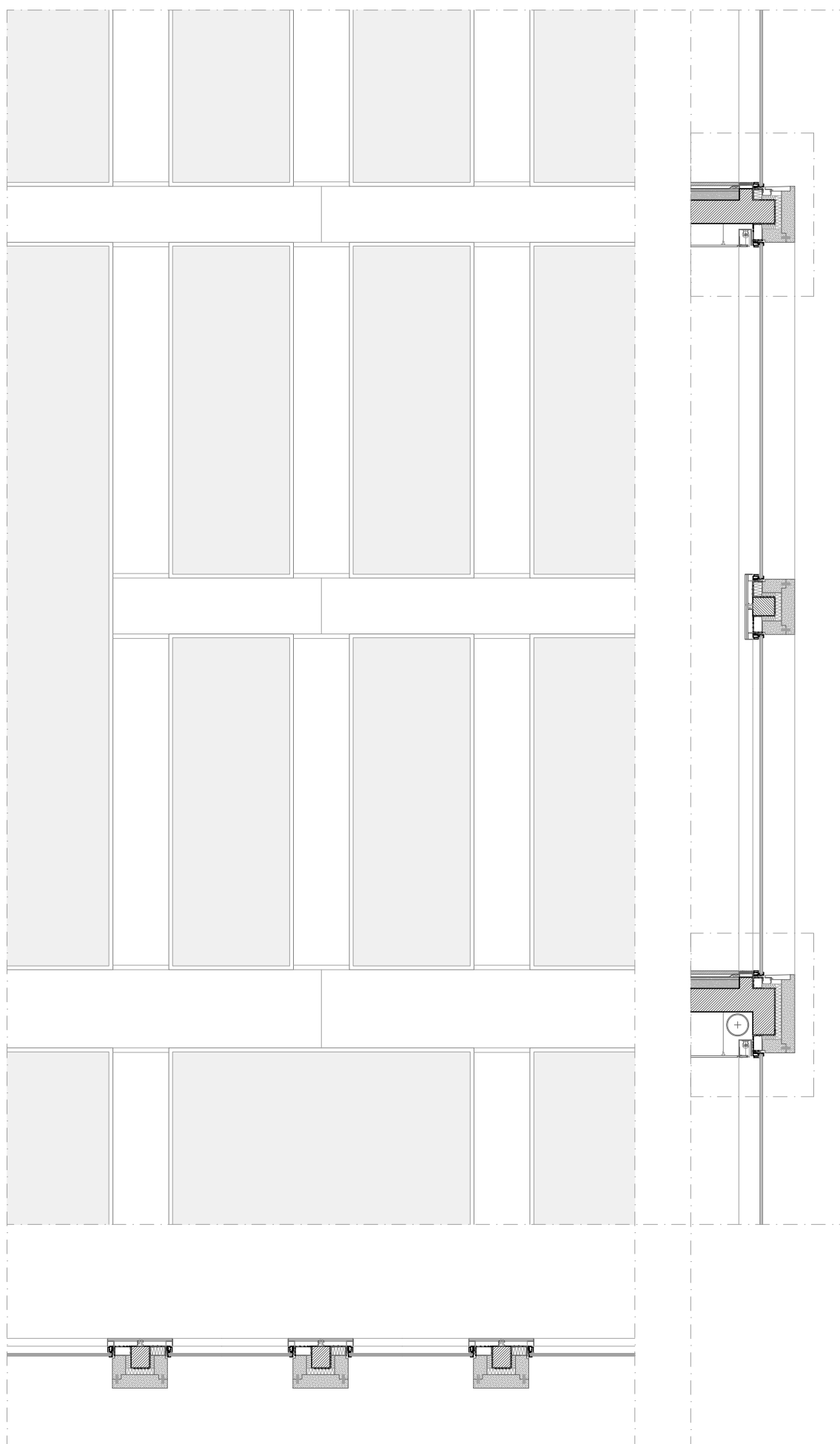


Fig. 58
Pormenor
construtivo
da fachada da
residência
Escala 1.50

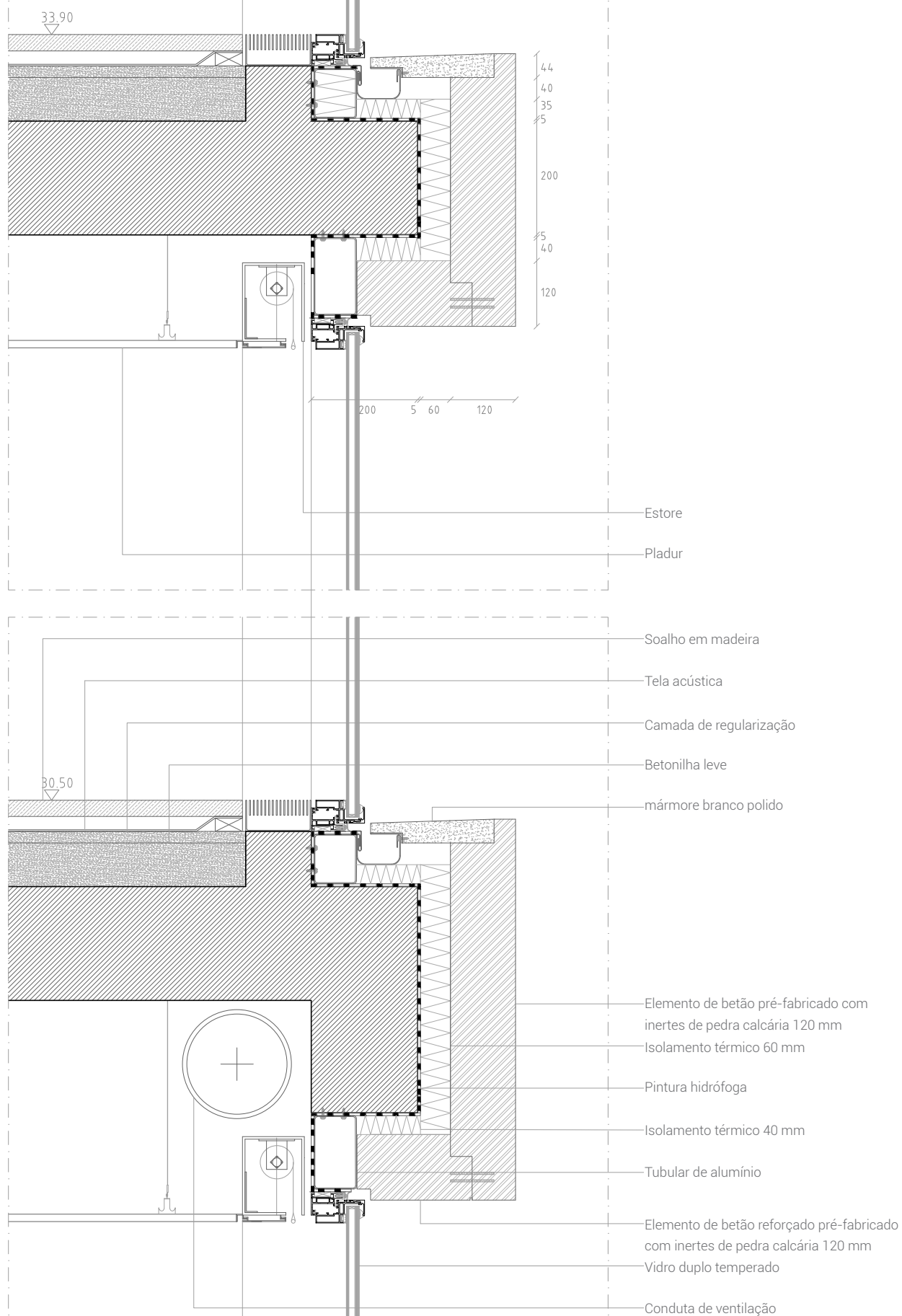


Fig. 59
Pormenor
construtivo
da fachada da
residência
Escala 1.10



Fig. 60

Vista interior do restaurante.
Relação com a paisagem
Produção pessoal, 2016



Por último, o volume vertical que se abre para o rio estabelece a relação do conjunto com a paisagem.

Reservam-se os dois pisos superiores a salas administrativas, designando os dois primeiros pisos ao programa de restaurante, privilegiando da relação directa com a plataforma elevada que se vira para o rio.

Os vãos que pontuam os alçados, determinam a relação da paisagem com o edifício, conferindo atmosferas distintas a cada espaço. Deste modo, o desenho de pé direito duplo do restaurante potencia o contacto entre a luz que entra nas janelas altas, e a madeira que reveste o seu interior, proporcionando a atmosfera desejada, que convida à permanência.

Novamente a materialidade da fachada surge como tema determinante do desenho, permitindo enfatizar a continuidade do volume com o espaço exterior que se articula a partir do recuo do piso térreo, conferindo uma clareza e coerência que vão de encontro às opções de projecto e à linguagem arquitectónica de toda a proposta.

Sintetiza-se neste último momento, as intenções que determinaram a génese da apropriação e valorização do lugar, na relação com o rio e com a cidade, transformando a paisagem. A relação da cidade com o seu locus de identidade é enfatizada através da *promenade* que articula os volumes, e remata neste último volume vertical, afirmando a sua posição no território, e reforçando a condição excepcional do lugar.



Fig. 61

Edifício do restaurante.
Detalhe da materialidade na
fachada
Produção pessoal, 2016

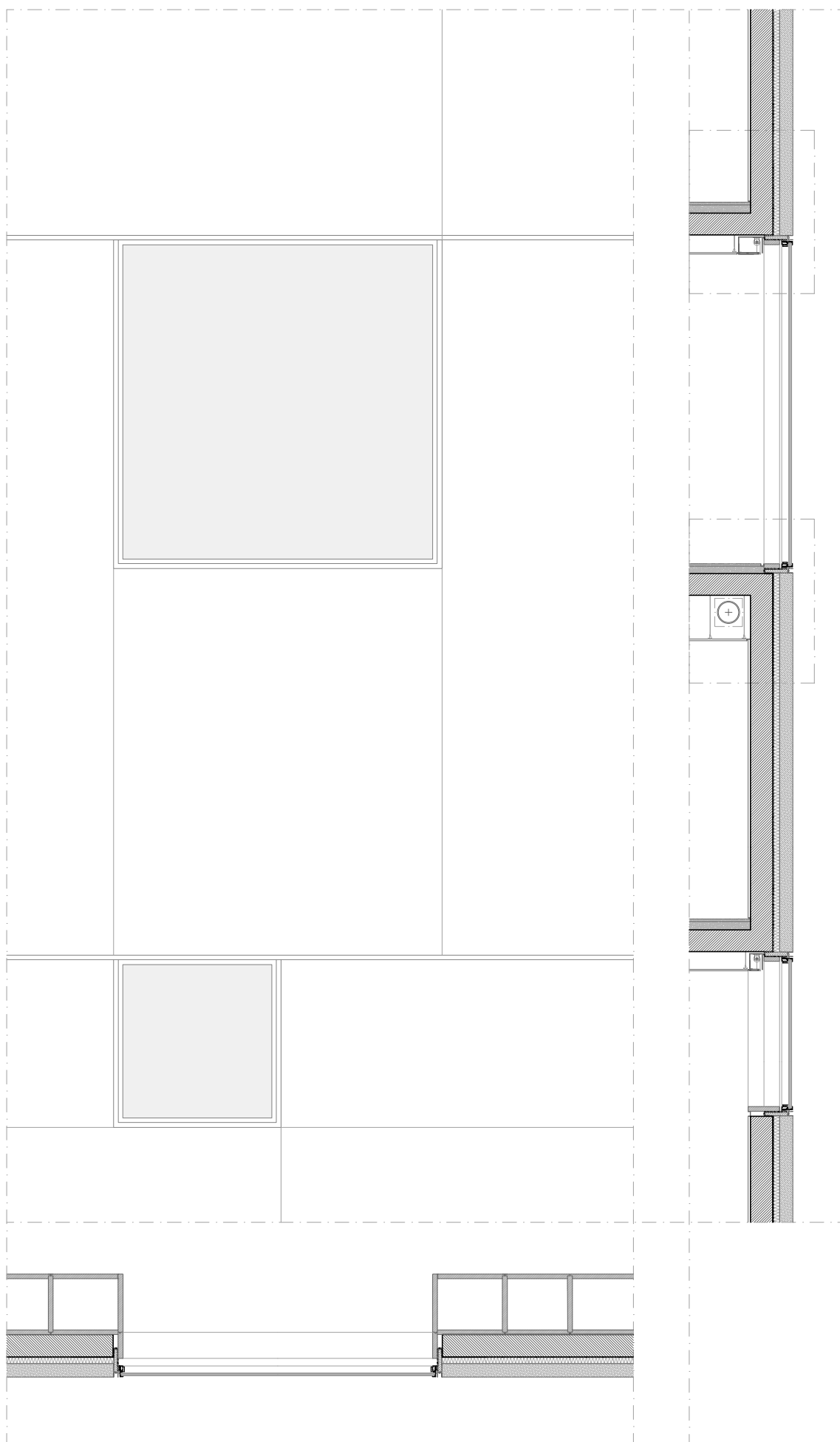


Fig. 62
Pormenor
construtivo
da fachada do
restaurante
Escala 1/50

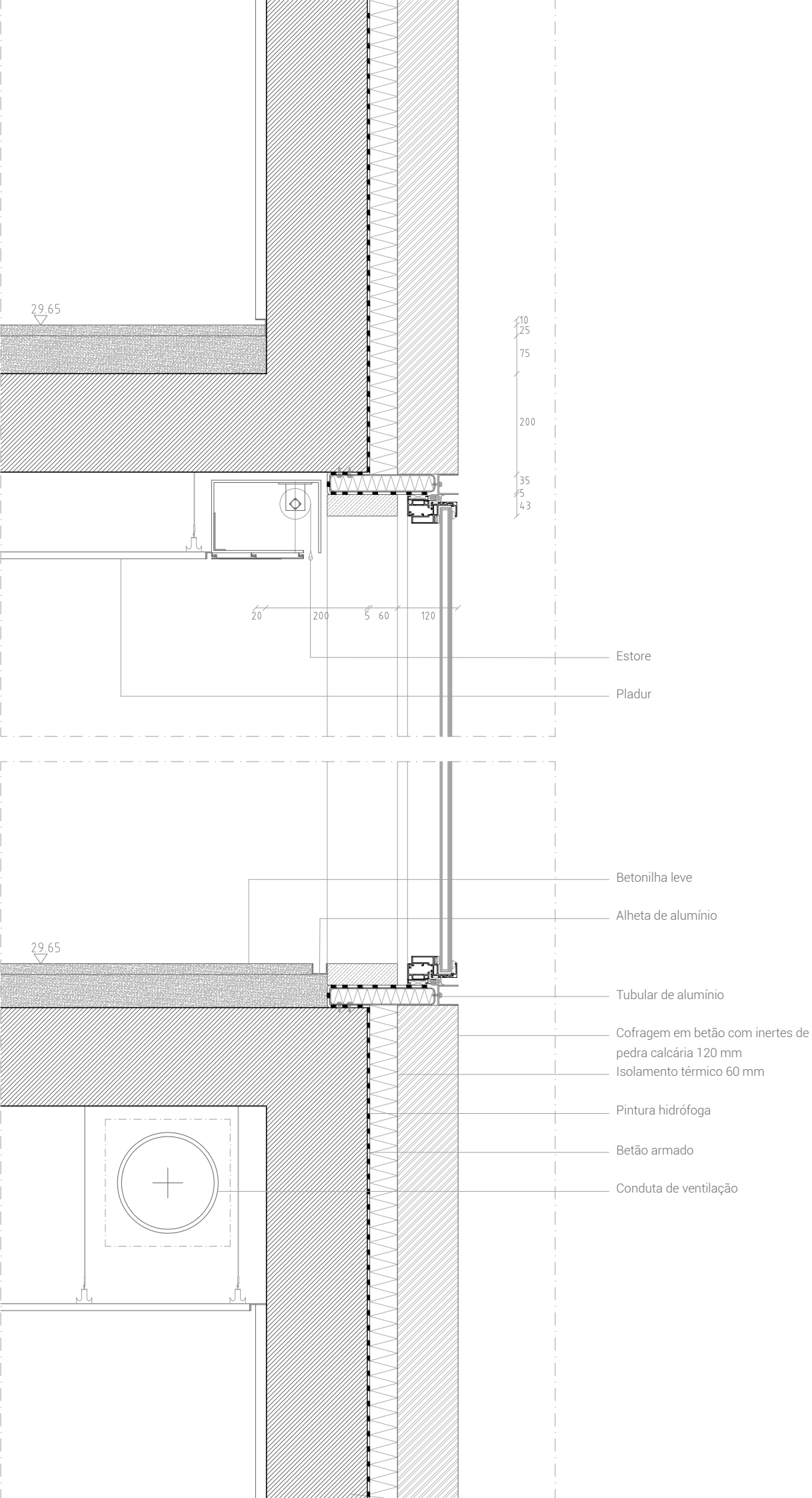


Fig. 63
Pormenor
construtivo
da fachada do
restaurante
Escala 1/10



Fig. 64

Vista do rio sobre o projecto
Produção pessoal, 2016



Um lugar de encontro para as artes





Entende-se a cultura como algo intrínseco ao pleno desenvolvimento de uma sociedade e do homem. De manifestações inevitavelmente ligadas à experiência do espaço, cabe ao fazer artístico essa vocação de permanente questionamento da vida quotidiana. Acções que vingam e adquirem verdadeiro significado quando inseridas numa sociedade informada e aberta, encontrando nestes espaços de disseminação do pensamento e de criação artística, condições necessárias a esse processo.

“(...) a comunicação constitui o fundamento da cultura e, mais do que isso, da própria vida.”³⁷

A proposta deve ser entendida neste sentido.

O seu impacto na vida cultural da cidade está intrínsecamente ligado à forma como se integra na actuação dos diferentes organismos, não devendo ser encarada de uma forma isolada.

Estabelecer esta relação entre o projecto e a cidade, abrindo a possibilidade de um novo desígnio em termos culturais, revela-se essencial para a afirmação deste novo momento.

Neste sentido, o facto de a proposta estimular a relação da cidade com o mondegó, a partir de uma estrutura urbana que incentiva esta abertura à sociedade permite-lhe afirmar-se como uma mais valia na valorização da área em que se inscreve.

³⁷ HALL, Edward T. - *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, 1986, p. 11

³⁸ Poema de 1897, do poeta francês Stéphane Mallarmé (1842 - 1898)

Fruto de uma maturação inerente ao seu desenvolvimento, é possível identificar vários momentos que contribuíram para a construção da narrativa que delineou a proposta.

“un coup de dés jamais n’abolira le hasard” ³⁸

O poema de Mallarmé - que serviu de mote para o Anozero - acaba por sintetizar este processo.

Como num lance de dados, a classificação da UNESCO revelou-se catalisadora de sucessivas acções de transformação da cidade, de reflexão do seu património cultural, através do questionamento do território em que se inscreve, servindo-se das memórias passadas para se avançar para o que está por vir.

Revela-se perceptível a importância que a actuação do Anozero adquiriu no desenvolvimento do projecto, intrinsecamente influenciado por uma metodologia de permanente reinterpretação do lugar e do programa.

Procurando uma reflexão contínua sobre a identidade do território, algumas intervenções permitiram perceber a forma como a arte contemporânea enriquece quando associada a espaços de natureza tão distinta.

O carácter do espaço revelou-se nestes casos, determinante na leitura da obra de arte, tanto quanto a intervenção artística valoriza o contexto onde se insere.

Os exemplos de Cabrita Reis ou de Francisco Tropa foram importantes neste sentido, ao explorarem não só matérias mas também conceitos arquitectónicos, esbatendo os limites disciplinares entre a arte e arquitectura. A noção de percepção do espaço e a sua experiência sensorial, a ideia de percurso e atravessamento, e as relações de interior/exterior exploradas nestas instalações, acabaram por influenciar directamente o processo de concepção dos espaços e das atmosferas que se pretendia para o projecto.

A proposta assume-se como uma natural (re)interpretação destas manifestações artísticas que intervém e pretendem transformar o território, reflectindo sobre a relação da cidade com a arte e da arte com o programa.

Esta dualidade permite explorar a informalidade dos espaços, e aberturas programáticas na sua apropriação, como possível catalisador da obra artística.

Há uma grande liberdade formal, que potencia a flexibilidade e adaptabilidade dos espaços, e a forma como são organizados, através de um desenho contínuo e permeável, tirando partido das diferentes escalas e proporções das estruturas existentes.

Assumindo o imaginário dos volumes existentes e a atmosfera do lugar como ancoragem sensorial, a memória revela-se essencial para o processo criativo.

A abertura do percurso público assumiu-se como catalisador de toda a intervenção arquitectónica, e nesse sentido, como elemento unificador do conjunto, permitindo uma completa abertura à cidade, potenciando a sua relação com o Mondego.

Como um organismo que se dissolve na paisagem, a estrutura urbana procurou reinterpretar os edifícios pré-existentes, estimulando a relação das oficinas e da fábrica com os novos edifícios, num processo de valorização mutua.

*"La relación entre paisaje, arquitectura y objeto artístico se retoma de nuevo en los espacios de la Fundación Miró de Barcelona, un lugar para la libre expresión de las artes volcado hacia la ciudad y a la vez protegido de su ritmo frenético. La combinación de materiales, texturas y colores, la simplicidad de soluciones abrazando lo popular y la vanguardia, el juego de luces y sombras de los volúmenes exteriores, o la gradación del claroscuro de los lucernarios, son recursos que exteriorizan la eterna aspiración plástica de un arquitecto que jamás dejó de pensar como un artista."*³⁹

Um permanente sentido de escala, proporção, e ritmo, revelou-se essencial como premissa na concepção dos espaços.

Conduz-se o utilizador num deambular quase natural. Um organismo intrínsecamente referenciado pela natureza dos corpos que se dispõe no espaço, e que encontra na tensão entre luz e materialidade as atmosferas distintas a cada momento.

Procurou-se o equilíbrio informal entre massa e o seu negativo, entre exterior e interior, no carácter simbiótico desta relação como sustento da sua valorização.

Tirando partido das circunstâncias actuais, revelou-se pertinente reafirmar este novo momento. Reflecte-se acerca das opções de projecto enquanto desígnio da articulação programática, potenciando um ambiente propício ao que se quis propor para estes espaços, através da dupla condição de valorização da cultura e do território – Um lugar de encontro para as artes.

“Uma passagem especial chamou-me a atenção, uma passagem cheia de intensidade e de grande liberdade na leve oscilação final, no pulsar quase natural do ritmo lento, onde o saxofone tenor faz um discurso caloroso, rouco e sem pressa que percebo quase literalmente. Booker Erwin com um som comprimido, agudo mas não áspero, tocado de maneira porosa mas com toda a dureza; pizzicati secos no baixo de mingus, sem nenhum Groove eroticamente gordo que quer desarmar e conquistar. (...) Escuto o interior da música. Ela é um espaço. Colorida e sensual; com profundidade e movimento. Estou dentro dela. Por momentos mais nada existe.” ⁴⁰



Fig. 66
Charles Mingus.
Autor desconhecido

Bibliografia **BACHELARD**, Gaston - A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998

CAPC, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - *anozero '15 - um lance de dados. Textos e ensaios*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015

CAPC, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - *anozero '15 - um lance de dados. Bienal de arte contemporânea de Coimbra*. Anozero Edições Almedina, SA, 2015

CHIPPERFIELD, David. - *Neues Museum Berlin*. Kohn: Verlag der Buchhandlung Walther Konig, 2009

CHIPPERFIELD, David - *El croquis 120. 1998-2004*. Madrid: El Croquis Editorial, 2004

CHIPPERFIELD, David - *El croquis 150. 2006-2010*. Madrid: El Croquis Editorial, 2010

CHIPPERFIELD, David - *El croquis 174-175. 2010-2014*. Madrid: El Croquis Editorial, 2014

CORBUSIER, Le, *Le modulator | Modulator 2*. Lisboa: Antígona/Orfeu Negro, 2010

DIAS, Manuel Graça - *João Mendes Ribeiro, arquitectura e cenografia* - Coimbra : XM, 2003

FREIXA, Jaume - *Josep Lluís Sert*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1979

GRAHAM, Dan. - *El arte con relación a la arquitectura*. La arquitectura con relación al arte. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

GRAHAM, Dan. - *works 1965-2000*. Düsseldorf : Richter Verlag, 2001

HALL, Edward T. - *A dimensão oculta*. Lisboa : Relógio d'Água, 1986

HERZOG, Jacques, de **MEURON**, Pierre - *El croquis 152-153. 2005-2010*. Madrid: El Croquis Editorial, 2010

LACATON, Anne, **VASSAL**, Jean Philippe - *El croquis 177-178. 1993-2015*. Madrid: El Croquis Editorial, 2015

LACATON, Anne; **VASSAL**, Jean-Philippe - *Lacaton & Vassal*. Paris: Cité de l'Architecture & du Patrimoine, 2009

LACATON, Anne, **VASSAL**, Jean Philippe - *2G N.60 Lacaton & Vassal. Recent Work*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2011

LERUP, Lars. *Building the Unfinished*. Beverly Hills, California: SAGE Publications, Inc., 1977

LEBESQUE, Sabine - *Yona Friedman : Structures serving the unpredictable*. Rotterdam : NAI Publishers, 1999

MACK, Gerhard - *Herzog & De Meuron*. - Basel : Birkhauser, 1996

MALRAUX, André - *O museu imaginário*. - Lisboa : Edições 70, 2000

MANSILLA, Luis, **TUÑÓN**, Emilio - *El croquis 115-116. 2001-2003*. Madrid: El Croquis Editorial, 2003

MANSILLA, Luis, **TUÑÓN**, Emilio - *El croquis 161. 1992-2012*. Madrid: El Croquis Editorial, 2012

MONEO, Rafael - *Inquietud teórica y estrategia proyectual : en la obra de ocho arquitectos contemporáneos*. Barcelona: Actar, 2004

MONEO, Rafael - *remarks on 21 works*. New York: The Monacelli Press, 2010

MONEO, Rafael - *El croquis 20+64+98. 1967-2004*. Madrid: El Croquis Editorial, 2004

MOORE, Rowan - *Building tate modern : Herzog & De Meuron*. London: Taste Gallery Publ., 2000

NORBERG-SCHULZ, Christian. - *Genius Loci*, Milano: Electa, 1986

PALLASMAA, Juhani - *The eyes of the skin, Architecture and the senses* Chichester : John Wiley & Sons, 2005

PARE, Richard - *The colours of light : Tadao Ando architecture*. London : : Phaidon, 1996

QUARONI, Ludovico. - *Proyectar un Edificio: Ocho lecciones de Arquitectura*. Madrid: Xarait Ediciones, 1980

ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 2001

ROVIRA, Josep M. - *Sert 1928 - 1979, obra completa : medio siglo de arquitectura*. Barcelona: Fundació Joan Miró, 2005.

SERT, Josep Lluís - *Conversaciones y escritos. Lugares de encuentro para las artes*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2011

SOLÁ-MORALES, Ignasi de - *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*. Porto: FAUP publicações, 2006

VIEIRA, Álvaro Siza. - *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

VIEIRA, Álvaro Siza. - *01 textos*. Porto: Civilização Editora, 2009

VIEIRA, Álvaro Siza. *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2009.

WANG, Wilfried. *Jacques Herzog & Pierre De Meuron* . Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002

ZEVI, Bruno - *Saber ver a arquitectura*. Lisboa: Editorial Minerva, 1977

ZUMTHOR, Peter. *Peter Zumthor 1985–2013 Buildings and Projects*. Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess AG, 2014.

ZUMTHOR, Peter. *Peter Zumthor Works – Buildings and Projects 1979-1997*. Basel: Birkhauser, 1999

ZUMTHOR, Peter. - *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009

ZUMTHOR, Peter. - *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006

ZUMTHOR, Peter. - *Therme Valls*. Zurich : Scheidegger & Spiess, 2007

INTERNET

[Consulta 25 de Maio de 2015] Informação relativa à classificação da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia a património mundial da UNESCO disponível em:
<http://whc.unesco.org/en/list/1387>
<http://worldheritage.uc.pt/pt/>

[Consulta 2 de Junho de 2015]
Informação relativa ao Anozero. bienal de arte contemporânea de Coimbra disponível em:
<http://anozero-bienaldecoimbra.pt>

[Consulta 2 de Junho de 2015]
Informação relativa ao CAPC - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra disponível em:
<http://capc.com.pt/site/index.php/pt/>

[Consulta 15 de Junho de 2015]
Informação relativa aos planos de reabilitação urbana previstos para Coimbra disponível em:
<http://www.coimbravivasru.pt>

Índice de imagens

Fig. 01 - Vista sobre a cidade

Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 02 - Paço das Escolas, vista sobre a torre da Universidade

Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 03 - Vista sobre a rua da Sofia

Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 04 - Universidade, Polo I

Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 05 - Planta da cidade de Coimbra

Edifícios classificados pela UNESCO

1.4000 - Produção pessoal

Fig. 06 - Selecção de exposições do

Anozero

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 07 - Exposição “Família” de Rui Chafes,

Criptopórtico do Museu Machado de Castro

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 08 - “Alegoria do espaço” (2006), de

Francisco Tropa, inserida na exposição

“Encriptar, revelar. Uma gruta e uma clareira.”

de Francisco Tropa e Alberto Carneiro

Edifício Chiado

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 09 - Projectção do filme “La pluie

(*project pour un text*) (1969)” , no âmbito

da exposição “Um lance de dados jamais

abolirá o acaso”, de Marcel Broodthaers

Biblioteca Joanina, Paço das Escolas

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 10 - “Backgrounds” (2015) de Dalila

Gonçalves, inserida na exposição colectiva

“Notas sobre a construção do tempo”

CAPC - Círculo Sede

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 11 - “No heroes Behind. Memorial to

the Impossibility of Eternity”, (2015) de

Teresa Braula Reis, inserida na exposição

colectiva “Notas sobre a construção do tempo”

CAPC - Círculo Sede

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 12 - “A casa de Coimbra” (2015) de

Pedro Cabrita Reis,

Sala da cidade

Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 13 - “Museu” (2015), de Francisco

Tropa

Praça Cortes

Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 14 - Planta da cidade de Coimbra

Localização das intervenções do Anozero

1.4000 - Produção pessoal

Fig. 15 - Planta da cidade de Coimbra

ARU - Coimbra Alta

ARU - Coimbra Baixa

ARU - Coimbra Rio

1.4000 - Produção pessoal

Fig. 16 - Vista da Rua da Moeda a partir da

Praça 8 de Maio

Registo pessoal - Coimbra, 2013

Fig. 17 - Avenida marginal Emídio Navarro
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 18 - Edifícios devolutos, Avenida
marginal Emídio Navarro
Registo pessoal - Coimbra 2015

Fig. 19 - Infraestruturas desactivadas dos
caminhos de ferro
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 20 - Infraestruturas desactivadas dos
caminhos de ferro
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 21 - Vista sobre a marginal industrial
Registo pessoal - Coimbra, 2016

Fig. 22 - Planra da cidade de Coimbra
Implantação da proposta
1.4000 - Produção pessoal

Fig. 23 - Vista aérea do terreno
[https://www.google.pt/maps/place/
Coimbra/@40.2132745,-8.4361471,380m/](https://www.google.pt/maps/place/Coimbra/@40.2132745,-8.4361471,380m/)

Fig. 24 - Planta do terreno. Condição actual
1.2000 - Produção pessoal

Fig. 25 - Vista do gaveto da Rua do Arnado
com a avenida Fernão de Magalhães
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 26 - Fachadas dos antigos armazéns
industriais ao longo da rua do Arnado
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 27 - Planta de demolições
1.2000 - Produção pessoal

Fig. 28 - Vista da fábrica Ideal a partir da
avenida marginal Emídio Navarro.
Perceptível a obstrução provocada pelas
estruturas dos caminhos de ferro
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 29 - Planta da proposta.
Alteração da rede viária após análise dos
planos de reabilitação urbana previstos
para o lugar.
Identificação do novo edifício
1.2000 - Produção pessoal

Fig. 30 - Proposta dos P.R.U. para o
prolongamento da rua Padre Estêvão Cabral
e consequente demolição dos antigos
armazéns industriais
1.2000 - Produção pessoal

Fig. 31 - Implantação final.
1.2000 - Produção pessoal

Fig. 32 - Planta da proposta à cota 33.50
Alçado Sul
Escala 1.500 - Produção pessoal

Fig. 33 - Planta da proposta à cota 28.50
Corte longitudinal pela estrutura urbana
Escala 1.500 - Produção pessoal

Fig. 35 - Planta da proposta à cota 23.00
Corte longitudinal pelos volumes
Escala 1.500 - Produção pessoal

Fig. 36 - Planta da proposta à cota 19.20
Escala 1.500 - Produção pessoal

Fig. 34 - Vista interior de um dos armazéns.
Estado actual das estruturas
Registo pessoal - Coimbra, 2015

Fig. 37 - Estudo da articulação volumétrica
com a estrutura urbana - Produção pessoal

Fig. 38 - Vista do gaveto da rua do Arnado
com a avenida Fernão de Magalhães.
Relação do novo volume vertical com os
edifícios pré-existentes.
Produção pessoal, 2016

Fig. 39 - Momento de transição entre o
pátio da livraria para o pátio das oficinas
Produção pessoal, 2016

Fig. 40 - Chegada ao pátio das oficinas.
Articulação da estrutura urbana com o
banco que define os limites do pátio
Produção pessoal, 2016

Fig. 41 - Pátio central, desenhado pela
rampa, que se articula no corpo da
cafetaria
Produção pessoal, 2016

Fig. 42 - Pátio do volume da fábrica.
Articulação da cafeteria com os volumes
pré-existentes e os acessos às diferentes
cotas
Produção pessoal, 2016

Fig. 43 - Estudo sobre o último espaço,
articulado com o volume vertical do
restaurante
Produção pessoal, 2016

Fig. 44 - Estudo da articulação da massa
volumétrica com os vazios exteriores.
Produção pessoal

Fig. 45 - Planta do conjunto, cota 22.00
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 46 - Planta edifícios A e D, cota 28.50
(quebra para cota 26.00 assinalada em
planta)
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 47 - Planta edifício D, cota 33.50
(quebra para cota 30.00 assinalada em
planta)
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 48 - Planta edifício C, cota 28.50
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 49 - Planta edifício C, cota 33.50
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 50 - Planta edifício C, cota 37.00
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 51 - Cortes transversais, edifícios A e B
Escala 1.250 - Produção pessoal

Fig. 52 - Estudo da relação da proposta com
a paisagem - Produção pessoal

Fig. 53 - Vista interior das oficinas -
Produção pessoal

Fig. 54 - Vista interior do espaço central da
fábrica - Produção pessoal

Fig. 55 - Esquemas de diferentes apropriações do espaço no piso térreo da fábrica - Produção pessoal

Fig. 56 - Vista interior do espaço de pé direito duplo da livraria - Produção pessoal

Fig. 57 - Edifício da residência.
Detalhe da materialidade na fachada -
Produção pessoal

Fig. 58 - Pormenor construtivo da fachada da residência
Escala 1.50 - Produção pessoal

Fig. 59 - Pormenor construtivo da fachada da residência
Escala 1.10 - Produção pessoal

Fig. 60 - Vista interior do restaurante.
Relação com a paisagem
Produção pessoal

Fig. 61 - Edifício do restaurante.
Detalhe da materialidade na fachada
Produção pessoal

Fig. 62 - Pormenor construtivo da fachada do restaurante
Escala 1.50 - Arquivo pessoal

Fig. 63 - Pormenor construtivo da fachada do restaurante
Escala 1.10 - Arquivo pessoal

Fig. 64 - Vista do rio sobre a proposta
Produção pessoal

Fig. 65 - Vista sobre o rio a partir do último espaço da proposta - Registo pessoal

Fig. 66 - Charles Mingus.
Autor desconhecido
<http://myedmondsnews.com/event/mingus-let-my-children-hear-music-2/>

Ao Amorim, ao João Paulo e ao Pimentel, pelos asados
de domingo na já longínqua cidade de Buenos Aires.

Temporada que moldou este percurso.

Ao Hugo e à Inês, pela segunda casa, que muitas vezes
se confundiu com primeira.

Ao Sampaio, por ter sempre uma palavra a dizer.

Ao Josué, ao Diogo e ao Ricardo, eternos companheiros.

À Mariana, à Luísa e à Mimi, pelos jantares, pela música,
pelo folk. Pelo carinho e amizade.

Ao Igor e ao Aitor, pela louca jornada, que na sua
insanidade manteve a sanidade mental.

Ao Eurico, pelo incentivo de manter o escape musical.

Ao Hélder, pelo entusiasmo e rigor, por desviar do óbvio e
fazer ver o essencial.

Ao João e ao Francisco, permanente pronto-socorro
sempre que precisei.

À Madalena, pelo carinho, pelas palavras, pelos sorrisos.

Pelo constante apoio, e pela influência que teve no
desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, aos meus pais, sem os quais nada disto
seria possível. Por estarem sempre presentes, pela
disponibilidade , e por me permitirem ser a pessoa que
sou.